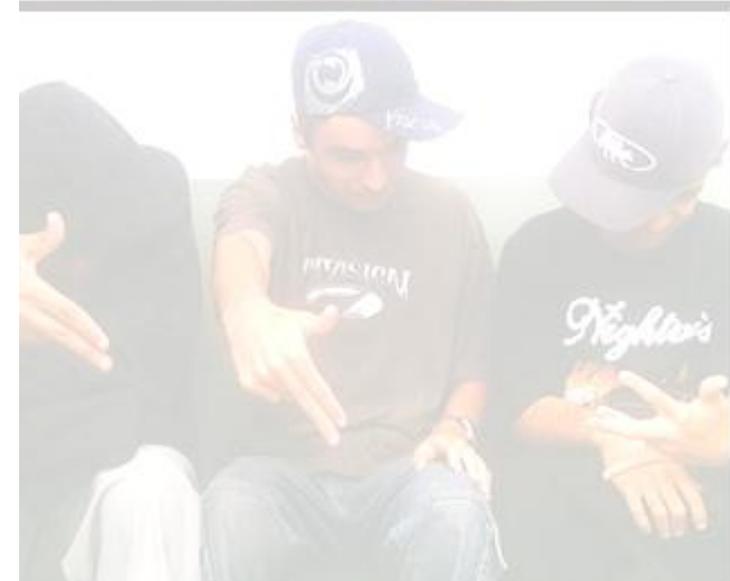


UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA

ODILÉIA CARMO DE SOUSA

**JOVEM E VIOLÊNCIA:
PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**



Goiânia
2008



ODILÉIA CARMO DE SOUSA

**JOVEM E VIOLÊNCIA:
PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Sociologia

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dalva Maria Borges de Lima Dias de Souza

Goiânia
2008

ODILÉIA CARMO DE SOUSA

**JOVEM E VIOLÊNCIA:
PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

Dissertação defendida e aprovada em _____ de _____ de 2008, pela
Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof^a. Dr^a. Dalva Maria Borges de Lima Dias de Souza (UFG)
Presidente

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela vida, pela realização desse trabalho e por todas as bênçãos que tem me concebido ao longo de minha vida. A ele toda a minha gratidão.

É nesse momento de retrospectiva, ao término desse trabalho, que me conscientizo da importância que tiveram algumas pessoas que cruzaram o meu caminho nesse processo de produção, como também da confiança depositada em mim para a construção desse sonho que, enfim, se torna realidade. A todas elas agradeço. No entanto, algumas merecem o meu reconhecimento especial: minha família, especialmente minha mãe, Arlene, e meu pai, Odilon, que sempre me deram força e acreditaram no meu trabalho, assim como meus irmãos.

À professora Dalva, pessoa pela qual tenho profunda admiração e respeito, que me orientou desde a graduação, confiou em mim e acreditou na realização desse trabalho. A ela sou bastante grata pela serenidade com a qual me acompanhou e pela liberdade que me propiciou nos caminhos que fui escolhendo.

Ao Márcio, meu esposo e companheiro, pelo respeito e admiração.

À minha amiga Ana Júlia, agradeço imensamente por sempre ter me incentivado.

À Alessandra, minha amiga e apoiadora.

À Nilda, sempre pronta a me incentivar.

A todos os professores do departamento de Sociologia da UFG, principalmente Jordão e Rabelo.

A todos os meus colegas de turma.

A todos os jovens que concederam as entrevistas, peças fundamentais para a realização deste trabalho e que talvez tenham sido as pessoas que mais acreditaram e confiaram em mim ao relatarem fatos pessoais de suas vidas. A eles sou bastante grata.

Ao Maurício, ex-aluno, pelo empenho e dedicação em me ajudar.

À Cleuza, profissional da recepção do Comitê de Ética em Pesquisa, por muito ter me orientado.

Odiléia Carmo de Sousa

RESUMO

Este trabalho propõe a análise da relação jovem e violência, a partir do processo de socialização por eles vivenciado. A pesquisa é realizada com jovens entre 16 e 23 anos de idade na periferia de Aparecida de Goiânia. Busco problematizar a relação que esses jovens de periferia estabelecem com as tradicionais agências socializadoras, a família e a escola, e acrescento o trabalho e a polícia como agências também encarregadas desse processo na atual sociedade contemporânea. A discussão aponta para o fato de que as tradicionais instituições se mostram frágeis, não sendo mais centrais no que se refere aos valores e às normas estabelecidos para esses jovens no atual contexto de uma sociedade globalizada em constantes mudanças e que não mais oferece as certezas e as seguranças do passado. O jovem hoje tem acesso a múltiplas referências culturais, construindo, assim, um conjunto heterogêneo de redes de significados, que são articulados e adquirem sentido em sua ação cotidiana. Na juventude eles buscam outros referenciais para a construção da identidade fora da família, onde o grupo de amigos passa a cumprir um papel fundamental em sua socialização. O grupo ao qual passam a fazer parte assume uma centralidade na vida desses jovens por intermédio das novas formas de sociabilidade que constroem, tornando-se uma referência na elaboração e vivência da condição juvenil. Procuo aprofundar a compreensão sobre o significado da participação de jovens de baixa renda da periferia da cidade de Aparecida de Goiânia, explorando principalmente o contexto dos processos de socialização que estes experimentam e identificando os significados que atribuem às suas condutas e à constituição de um problema social a partir de comportamentos violentos. Os elevados níveis de violência entre os jovens não só da periferia de Aparecida de Goiânia, mas de todo o Brasil, são favorecidos pelas mudanças operadas na constituição dos núcleos familiares, pelas transformações e degradação do sistema educacional, pelas mudanças e exigências colocadas pelas alterações no mercado de trabalho, bem como pela influência do grupo de amigos (galera). Este último é determinante nessa fase da vida e cada grupo possui suas regras próprias, seus próprios valores, banalizando, muitas vezes, a violência, ou até mesmo utilizando-a como forma de status, uma vez que é requisito de respeito entre os membros. Isso influi de forma significativa no processo de socialização desses jovens.

Palavras-chave: Jovem, violência, socialização.

ABSTRACT

This work proposes the analysis of the relation between adolescents and violence, starting from the process of socialization experienced by them. The search was done with young between 16 and 23 years old in the suburb of Aparecida de Goiânia. We quest to problematize the relation that these young of the suburb establish with the traditional socialization agencies, family and school, and we add work and police also as agencies in charge of this process in the actual contemporary society. The discussion points to the fact that, the traditional institutions show themselves fragile, not being anymore central referring to the values and rules established for these young in the actual context of a globalized society in constant changing and that no more offer the certainty and security of the past. Nowadays young have access to multiple cultural references, building then, an heterogeneous set of net of meaning, that are articulated and acquire sense in its everyday action. When young they look for other referential to construct identity out of family, in which the group of friends start to fulfill a fundamental role in his/her socialization. The groups in which they start to be part of assume a centrality in these young life through the new forms of sociability they build, becoming a reference in the elaboration and life of young condition. We tried to examine carefully the meaning of low income young form suburbs of Aparecida de Goiânia participation, exploring especially the context of the processes of socialization that these young experiment and identifying the meanings that they ascribe to their behavior and to the constitution of a social problem from violent behavior. The high levels of violence among young not only form suburbs of Aparecida de Goiânia, but from all Brazil, are favored by changing in the constitution of the family, by transformation and degradation of the educational system, by changing and exigency placed by the alteration of labor market, and by the influence of their group of friends. This last one is determinant in this period of life and each group have its own rules, own values, many times vulgarize violence or even taking advantage of it as a way of status, once its requirement of respect among its members. These influence in a significant way in the process of socialization of these young.

Key Words: Young – violence – socialization.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	08
INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1 – SOBRE O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO CONTEMPORÂNEO	13
CAPÍTULO 2 – ESTRATÉGIAS DE PESQUISA E SUJEITOS DA PESQUISA ..	21
CAPÍTULO 3 – JOVEM E VIOLÊNCIA	28
CAPÍTULO 4 – SOCIALIZAÇÃO: ENTRE A FAMÍLIA E O GRUPO	41
4.1 Sobre a família	47
4.2 Gangues e galeras	48
CAPÍTULO 5 – OUTRAS INSTITUIÇÕES	56
5.1 Escola	56
5.2 Trabalho	63
5.3 Polícia	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICE	79

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Vida escolar	56
-------------------------------	----

INTRODUÇÃO

O homem por natureza bom e sociável é uma ficção intelectual. Durante toda a história da humanidade, instituições foram inventadas para controlar a destrutividade, a violência e os conflitos. Diz-se que os homens são os únicos animais que matam seus semelhantes por prazer ou orgulho. Mas os homens são também os únicos animais que domesticam a si mesmos e inventam meios de criar a paz entre si.

Alba Zaluar

Este trabalho vem se somar aos vários outros que têm a pretensão de analisar a violência e sua relação com os jovens de classes populares. Esse problema merece todo o interesse das Ciências Sociais no sentido de que pode fornecer respostas à sociedade sobre o porquê de alguns obedecerem às normas e outros as transgredirem.

A participação relativa dos jovens como principais agentes e vítimas da violência urbana é um dos fatos que mais chama a minha atenção. As explicações para isso seguem várias direções, que passam pela delinquência, exclusão social, cultura adolescente e juvenil, gangues de rua, crime organizado e outros. Diante dessa realidade, o que mais impressiona os estudiosos do assunto é a crueldade com que os jovens tratam, na maioria das vezes, suas vítimas. Spagnol (2005, p. 276) afirma que:

Não é somente matar, atirar ou esfaquear uma pessoa, mas torturá-la, cortar, furar, amassar, destruir seu corpo de maneira desumana, sem demonstrar nenhum sinal de arrependimento. Pelo contrário – e o que se mostra ainda mais perturbador –, parece haver prazer em matar, em destruir o outro de maneira bárbara e cruel. Essa preocupação com a forma como é feito o crime, por parte de jovens ainda adolescentes, revestida de uma raiva extrema, revela algo inquietante nas relações sociais. E a sociedade, de maneira geral, responde com preconceito e discriminação proporcionais à violência cometida.

Procurei realizar uma reflexão sobre esse fenômeno, a partir de entrevistas realizadas com jovens dos bairros: Santa Luzia, Jardim Olímpico, Setor Tocantins e Residencial Santa Luzia, situados na periferia de Aparecida de Goiânia, levantando questões relativas ao comportamento desses jovens e sua relação com a violência no processo de socialização. O município de Aparecida de Goiânia aparece, nas estatísticas atuais, como um dos mais violentos do Estado de Goiás, o que justifica sua escolha para a realização desta pesquisa.

Aparecida de Goiânia faz parte da grande Goiânia, rota da maconha e da cocaína destinadas a Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, e, talvez por isso, se tornou um importante

centro consumidor do país. Segundo o jornal *O Popular*¹, nas rodovias federais localizadas em Goiás as apreensões destes dois tipos de drogas durante este ano já são 51% maiores do que em todo o ano passado, quando a Polícia Federal apreendeu 291 quilos, totalizando, até agora, 441 quilos.

O tema da socialização não é um assunto novo na sociologia que, desde a época clássica, com Durkheim, desenvolverá reflexões sobre a socialização a partir de diversas perspectivas, de acordo com o próprio contexto histórico, com diferentes concepções de sociedade, dos atores sociais e das interações, exprimindo vários modelos de sociedade e de cultura. Durkheim busca entender e explicar a socialização na perspectiva da reprodução social, questionando como as instituições garantem a continuidade social. Nessa perspectiva, os sentimentos são interiorizações de uma posição objetiva do sistema, e explicar os indivíduos é conhecer a determinação do lugar social de sua personalidade, pois haveria um processo de interiorização do social. O objeto para análise da socialização se resumia na família e na escola.

Até hoje vários autores se debruçam sobre esse tema e até questionam se tais paradigmas, produzidos no contexto de certa situação histórica da sociedade, são capazes de explicar os processos sociais que ocorrem na sociedade contemporânea, no bojo das profundas transformações que vêm ocorrendo nas últimas décadas.

Para poder definir socialização de forma clara e resumida recorro a Peter Berger (1999, p. 204), que a define como “o processo por meio do qual o indivíduo aprende a ser membro da sociedade”. Esse processo é realizado em uma contínua interação com os outros, se inicia na família e pode sofrer alterações no contato com outros grupos. Pode-se até mesmo chamar de uma ressocialização ao produto desses contatos.

Atualmente, com a deterioração das condições de vida das classes menos favorecidas e a ineficácia do Estado nas questões sociais, os adolescentes, principalmente aqueles oriundos de classes menos privilegiadas, buscam novas formas de sobrevivência. Nesse contexto, participam como principais agentes e como vítimas dessa triste realidade. O morador de periferia muitas vezes encontra no tráfico de drogas ou nas quadrilhas uma forma de ascensão social rápida, bem como de participação no mercado de consumo, que muitas vezes parece inacessível de outra maneira.

O fato deste trabalho se limitar à análise da violência presente entre os jovens de periferia não significa que desconheço a existência da delinqüência juvenil entre as classes

¹ Jornal *O popular*, matéria apresentada no dia 8 de julho de 2008.

mais abastadas de nossa sociedade, mas tal interesse se dá, sobretudo, como forma de delimitação do objeto. Hoje, vários estudiosos do tema procuram deixar claro que o uso da violência funciona como forma de expressão, o que, apesar de preocupante, envolve adolescentes e jovens de várias esferas sociais. Além disso, a pobreza não explica, de forma alguma, a violência nas áreas periféricas das metrópoles. É importante aclarar que, nessas áreas, mesmo em meio à pobreza e ao caos encontrados nelas, muitos ainda buscam manter certa normalidade em suas vidas, acreditando que a escola e o trabalho podem sim lhes oferecer melhorias de vida.

Inicialmente, o trabalho de observação de alguns jovens desses bairros da periferia de Aparecida de Goiânia foi orientado pela combinação de duas categorias específicas: juventude e violência. É importante deixar claro que não procurei investigar a violência como acontecimento, como observação direta de uma dinâmica concreta, pois o eixo central dessa pesquisa se concentra basicamente no desafio de identificar a relação dos jovens com a violência dentro do processo de socialização em que estão inseridos, ademais de identificar as suas percepções acerca da violência.

A questão central para a construção desse objeto de investigação era pensar: o que os jovens de periferia consideram violência? Que significados ela assume entre eles? Qual a relação desses jovens com a violência?

A partir da observação direta de muitos jovens na periferia, já que desde algum tempo trabalho diretamente com eles em escolas públicas em Aparecida de Goiânia, foi surgindo o desejo de fazer uma reflexão um pouco mais aprofundada, tentando fazer uma associação entre esses dois temas: juventude e violência. Ao observar o comportamento de alguns, foi possível perceber a violência presente em seus estilos de vida, modo de pensar, de falar e até mesmo de agir. A violência é banalizada entre eles e, muitas vezes, utilizada como forma de status e de obter respeito entre os demais. Nesse sentido, acredito que a violência, para o pesquisador, é um acontecimento, enquanto para muitos desses jovens ela se dilui até não ser percebida, parecendo se tornar invisível. Durante as entrevistas, quando eu pedia para que falassem sobre violência, davam-me uma idéia vaga da palavra, como se fosse algo distante. Percebe-se que não é muito comum falarem de violência e que não conseguira atingir meu objetivo.

O presente trabalho está estruturado em cinco partes. O primeiro capítulo, “Sobre o processo de socialização contemporâneo”, faz uma abordagem da socialização desde a sociologia clássica com as concepções de Durkheim, perpassa por outros autores como Berger e Luckmann, até chegar a autores contemporâneos como Lahire, que tem trabalhado muito

bem esse tema, uma vez que traz as mudanças de paradigmas produzidos no contexto dessa sociedade.

O segundo capítulo, “Sujeitos da pesquisa e experiência de campo”, faz uma abordagem sobre quem são os sujeitos da pesquisa, quais foram os filtros utilizados para definir seus participantes. Também traz as experiências e as dificuldades encontradas por mim durante sua realização.

No terceiro capítulo, “Jovem e violência”, analiso o tema da juventude e sua relação com o fenômeno da violência, uma vez que é comprovado que são os jovens as principais vítimas da violência urbana.

O quarto capítulo, “Socialização entre a família e o grupo”, discute o conflito vivenciado pelos jovens entre a socialização primária, recebida pela família durante a infância, e os valores dos grupos do qual passam a fazer parte durante a adolescência e a juventude, quando desafiar os limites impostos pela sociedade torna-se muitas vezes a principal regra de permanência dentro do grupo.

Por fim, o quinto e último capítulo, “Outras instituições”, analisa as instituições encarregadas da socialização secundária, tais como escola, trabalho e acrescenta, ainda, a polícia, como instituições que não tem tido sucesso no cumprimento das funções para as quais têm sido designas na sociedade contemporânea. Isso abre espaço para um outro tipo de socialização, a da rua, dos grupos, que é vivenciada por adolescentes e jovens.

CAPÍTULO 1

SOBRE O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO CONTEMPORÂNEO

O que respingamos aí remete, é claro, a um si-mesmo além da situação, mas um si-mesmo que flutua em cada nova situação. Eis por que nós as achamos absorventes (como um romance). Mas não há nenhum motivo para pensar que esses pedaços de si-mesmo que se oferecem a outrem, essas pequenas revelações a propósito do que somos em outras cenas, têm algo em comum.

Erving Goffman

Para tentar compreender um pouco mais sobre o processo de socialização contemporâneo, acredito que seja necessário iniciar com as contribuições de Durkheim (1967), como também os escritos de Peter Berger e Thomas Luckmann (1973), que fazem importantes reflexões sobre o assunto e são referência fundamental para a discussão do processo de socialização.

Os estudos clássicos da sociologia da educação abordam a família e a escola como sendo os dois espaços de socialização tradicional. Durkheim (1967, p. 41), ao analisar a educação, a define como sendo uma

[...] ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social: tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine.

Acrescenta que a educação consistiria em uma socialização metódica das novas gerações, pois segundo o autor em cada um de nós existem dois seres: um constituído de todos os estados mentais que não se relacionam senão conosco mesmo e com acontecimentos de nossa vida pessoal, o *ser individual*. Já o outro corresponde a um sistema de idéias, de sentimentos e de hábitos que, segundo Durkheim (1967), exprimem em nós não a nossa individualidade, mas o grupo ou os grupos diferentes dos quais fazemos parte, tais como as crenças religiosas, as crenças e as práticas morais, as tradições e as opiniões coletivas de toda espécie, o *ser social*. Para Durkheim (idem, p. 42), a criança, ao nascer, não traz nada além de sua natureza de indivíduo:

A sociedade se encontra, a cada nova geração, como que diante de uma tabula rasa, sobre a qual é preciso construir quase tudo de novo. É preciso que, pelos meios mais rápidos, ela agregue ao ser egoísta e associal, que acaba de nascer, uma natureza capaz de vida moral. Eis aí a obra da educação. Ela cria um ser novo.

Para Durkheim (1967, p. 41), o que faz o homem humano é justamente o fato deste viver em sociedade, pois é esta “que nos lança fora de nós mesmos, que nos obriga a considerar outros interesses que não os nossos, que nos ensina a dominar as paixões, os instintos, ensinando o sacrifício, a privação, a subordinação dos fins individuais a outros mais elevados”. Ele considera tudo isso responsável pela representação que mantém em nós o sentimento de lei, de disciplina, tanto interna quanto externa, instituído pela sociedade. É por isso que o autor vê a relação indivíduo e sociedade não como antagônica, mas sim como de dependência, pois à medida que o indivíduo tenta melhorar a sociedade, ele melhora a si mesmo. É por isso que vê a ação exercida pela sociedade, através da educação, como de forma puramente positiva, já que sua finalidade é tornar o indivíduo criatura verdadeiramente humana. Nesse sentido é que Durkheim (idem) acredita que uma educação normativa deve assegurar a unidade entre indivíduo e sociedade: “A sociedade não poderia existir sem que houvesse em seus membros certa homogeneidade: a educação a perpetua e reforça, fixando de antemão na alma da criança certas similitudes essenciais, reclamadas pela vida coletiva”.

Esse processo de interiorização das regras de comportamento moral e de valores não acontece de forma arbitrária ou impositiva, sendo tal coerção entendida como uma etapa civilizatória que desencadeia na liberdade.

Durkheim (1967), ao analisar a relação família e escola, diz que primeira está voltada aos ensinamentos de caráter privado e doméstico e a segunda é complementar a ela, ou seja, é a instituição responsável pela construção de indivíduos morais e comprometidos com o ideal público. Nesse sentido, vê a escola como a instituição capaz de transmitir um corpo de normas e referências formadoras de uma consciência e de uma personalidade moral e ética, acreditando na coerência de valores institucionais e individuais para a construção de um projeto para a civilização. Setton (2005) afirma que o agente social, para Durkheim (idem), é visto como um organismo em que os instintos e os desejos infinitos devem deixar de ser regulados naturalmente. A autora acrescenta que, segundo essa lógica, o sucesso do processo educacional seria caracterizado pela construção de um ser social totalmente identificado com os valores societários. Dessa forma, a educação familiar e a escolar estariam longe de terem apenas um valor instrumental, ou seja, a aquisição de aprendizagens úteis. Elas exerceriam, sobretudo, de acordo com ela, uma influência total na personalidade dos indivíduos.

Já Peter Berger e Thomas Luckmann (1973), no livro *A construção social da realidade*, fazem uma interessante análise sobre o processo de socialização, apresentando uma distinção entre dois tipos: a socialização primária e a secundária. A primária seria a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, em virtude da qual se torna membro da sociedade; já a secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade. Para esses autores (idem, p. 173), estar em sociedade significa participar de sua dialética, ou seja, o “indivíduo não nasce membro da sociedade. Nasce com uma predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade”. Definem socialização como sendo “a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela” (idem, p. 175). No entanto, eles procuram deixar claro que nenhum indivíduo interioriza a totalidade daquilo que é objetivado como realidade em sua sociedade, mesmo que esta e seu mundo sejam relativamente simples. Ademais, sempre haverá elementos da realidade subjetiva que não se originaram na socialização, tais como a consciência da existência do próprio indivíduo anteriormente e à parte de qualquer apreensão dele socialmente apreendida. Portanto, a socialização nunca é total nem jamais acabada.

A criança, segundo estes autores, interioriza o mundo dos pais como sendo “o mundo”, e não como o mundo pertencente a um contexto institucional específico. Sendo assim, eles entendem que algumas das crises que acontecem depois da socialização primária são causadas, na verdade, pelo reconhecimento de que o mundo dos pais não é o único mundo existente, mas tem uma localização social muito particular, talvez até mesmo com uma conotação pejorativa (idem, p. 189). Para Berger e Luckmann (idem), o fato dos processos de socialização secundária não pressuporem de um alto grau de identificação e de seu conteúdo não possuir a qualidade da inevitabilidade é que podem ser úteis na prática, pois é o que permite seqüências de aprendizado racionais e emocionalmente controladas. Dessa forma, eles percebem que o “desenvolvimento da educação moderna é evidentemente a melhor ilustração da socialização secundária realizada sob os auspícios de organizações especializadas” (idem, p. 195), sendo o declínio da posição da família resultante desse fato.

Nessa abordagem sobre o processo de construção social da realidade, percebi que eles concebem a socialização a partir da perspectiva da mudança social, e não apenas a partir da reprodução da ordem ou da total coerência e identificação entre indivíduo e sociedade, como Durkheim (1967). Quando esses autores enfatizam a diferenciação e o aprendizado dos saberes institucionais especializados na ocasião da socialização secundária, notadamente nas instituições escolares técnicas e profissionais, essa teoria abre a possibilidade de definir a

mudança social como um processo de transformação de uma identidade adquirida na socialização primária. Assim, as instituições de socialização não mais poderiam ser consideradas instâncias funcionalmente integradas e complementares umas às outras, mas teriam, no entanto, certa autonomia, e contribuiriam para a construção de mundos diferenciados. Os padrões normativos das instituições tradicionais de socialização primária, ao interagirem com os padrões normativos das instituições de socialização secundária, poderiam provocar uma série de conflitos identitários, pois explicitariam lógicas de atuação e concepções de mundo muito distintas. Nesse sentido, os autores contribuem para a reflexão sobre o processo de socialização, atribuindo uma participação ativa do indivíduo nas instâncias socializadoras e conferindo-lhe maior autonomia e liberdade reflexiva, uma vez que percebem esse indivíduo como tendo capacidade de dialogar, questionar e escolher um universo de relações, bem como de valores que constituem esse universo, diferente dos demais.

Melucci (1997) também dá grande contribuição a nossa reflexão, pois, segundo ele, vivemos em uma sociedade que concebe a si mesmo como construída pela ação humana, já que em sistemas contemporâneos a produção material é transformada em produção de signos e de relações sociais. O que esse autor procura deixar claro é que a “sociedade não é a tradução monolítica de um poder dominante e de regras culturais na vida das pessoas, ela lembra um campo interdependente constituído por conflitos e continuamente preenchido por significados culturais opostos” (idem, p. 6). Para Melucci, existe uma crescente possibilidade de os atores sociais controlarem as condições de formação e de orientação de suas ações. Agora, a experiência é cada vez mais construída por meio de investimentos cognitivos, culturais e materiais. Sobre o processo de socialização, acrescenta que o que foi considerado no passado como transmissão básica de regras e valores da sociedade é agora visto como possibilidade de redefinição e intervenção das capacidades formais de aprendizado, habilidades cognitivas e criatividade. Além disso, a biografia dos adolescentes, nos dias de hoje, tornou-se menos previsível, e os projetos de vida passaram mais do que nunca a depender da escolha autônoma do indivíduo.

Nas sociedades do passado, a incerteza quanto ao futuro podia ser resultado de eventos aleatórios e incontrolláveis, como a epidemia, guerra, colapso econômico. Nessas sociedades a posição de cada um na vida era determinada pelo nascimento e se tornava previsível pela história da família e do contexto social. Para o adolescente moderno é diferente, pois, ainda segundo Melucci (idem) a relativa incerteza da idade é multiplicada por outros tipos de incertezas que derivam simplesmente dessa ampliação de perspectivas, como a

disponibilidade de possibilidades sociais e a variedade de cenários nos quais as escolhas podem ser situadas. O autor (1997) acrescenta que

[a] unidade e continuidade da experiência individual não podem ser encontradas em uma identificação fixa com um modelo, grupo ou cultura definidos. Deve ao invés disto ser baseado na capacidade interior de “mudar de forma” de redefinir-se a si mesmo repetidas vezes no presente, revertendo decisões e escolhas. Isso também significa acalentar o presente como experiência única, que não pode ser reproduzida, e no interior da qual cada um se realiza.

Os adolescentes pertencem a uma pluralidade de redes e de grupos. Para Melucci (1997), os meios de comunicação, o ambiente educacional ou de trabalho, as relações interpessoais, o lazer e o tempo de consumo geram mensagens para os indivíduos, que, por sua vez, são chamados a recebê-las com outras mensagens. O autor acrescenta que a pluralidade das participações, a abundância de possibilidades e as mensagens oferecidas aos adolescentes contribuem para debilitar os pontos de referência sobre os quais a identidade era tradicionalmente construída. Atualmente, os sistemas complexos constituem redes de informação de alta densidade e têm que contar com certo grau de autonomia de seus elementos.

Segundo Setton (2005), na sociedade contemporânea a cultura, a informação e o acesso às formas simbólicas, em suas diferentes linguagens, alcançaram um nível de produção e circulação nunca antes visto, pressupondo o surgimento de um universo cultural plural e diversificado. Por isso é importante ressaltar as contribuições dos autores que asseguram o diálogo e as relações de interdependência entre indivíduo e sociedade e que também incorporam a especificidade do momento cultural moderno, como faz Bernard Lahire (2002).

Bernard Lahire (2002) enfatiza o impacto da modernização no processo de construção das identidades e contribui muito na tarefa de explicar uma nova forma de se compreender as experiências de socialização vividas na contemporaneidade.

O autor (2002) critica tanto os antropólogos que tratam as comunidades/tribos/sociedades como sendo homogêneas, nas quais cada situação é homóloga a todas as outras, quanto os historiadores com a noção de mentalidade, pois para ele é difícil validar historicamente a idéia da existência de uma “mentalidade única” num grupo ou num indivíduo, seja qual for a atividade social considerada, e acrescenta que falar de mentalidades não apenas não permite fazer uma análise exata, mas é também definitivamente enganoso. Ele percebe que se trata de diversidades entre os diferentes tipos de comunicação dentro de uma mesma cultura e de uma mesma época. Lahire (idem) resume dizendo, que as teses da

unicidade e da homogeneidade, tanto da cultura como do ator, não têm nenhuma evidência. Ele considera espantosas as abstrações unificadoras com relação à diversidade da realidade social: “Enquanto criança, adolescente, pai de família, namorado, jogador de futebol, colecionador de selos, partidário político ou operário de sua empresa, o mesmo corpo biológico será designado pelo mesmo nome e sobrenome”. Tal abstração toma corpo, sustentada pela evidência da unidade biológica do corpo. Segundo o autor, socialmente, o mesmo corpo passa por estados diferentes e é fatalmente portador de esquemas de ação ou hábitos heterogêneos e até mesmo contraditórios.

Quando Lahire (2002, p. 27) faz uma comparação entre os dois tipos de sociedades, as tradicionais e as contemporâneas, considera as primeiras como

demograficamente fracas, com interconhecimento forte, onde cada um pode exercer um controle sobre o outro, onde a divisão do trabalho e a diferenciação das funções sociais e das esferas de atividades são pouco desenvolvidas (sendo de fato, impossível distinguir as esferas de atividades econômica, política, jurídica, religiosa, moral, filosófica claramente separadas umas das outras).

É nesse sentido que Lahire (idem) acredita que “a estabilidade e a durabilidade das condições às quais estão sujeitos os atores durante toda a sua vida são maximais, onde não se encontram muitos modelos de socialização diferentes, concorrentes, contraditórios”. Já quando se trata de sociedades contemporâneas, segundo o autor (idem), elas são “incomparavelmente mais extensas do ponto de vista tanto espacial como demográfico, com forte diferenciação das esferas de ação, das instituições, dos produtos culturais e dos modelos de socialização”. Nesse sentido, essas sociedades podem apresentar menos estabilidade das condições de socialização. Porém, segundo ele, nessas sociedades, entre a família, a escola, os grupos de iguais, as muitas instituições culturais e os meios de comunicação, que os jovens são levados a frequentar, eles confrontam-se cada vez mais com situações heterogêneas, concorrentes e, às vezes, até contraditórias no que se refere à socialização que desenvolvem. Portanto, nas sociedades contemporâneas, os homens estão mergulhados em vários grupos sociais ao mesmo tempo, e, assim, esses grupos não são homogêneos e nem mesmo imutáveis:

Esses grupos, que são os quadros sociais de nossa memória, são, pois, heterogêneos, e os indivíduos que os atravessam durante um mesmo período de tempo ou em momentos diferentes de sua vida são, portanto, o produto sempre variado dessa heterogeneidade dos pontos de vista, das memórias e dos tipos de experiência. O que vivemos com nossos pais, na escola, no colégio, com os amigos, com colegas de trabalho, com membros da mesma associação política, religiosa ou cultural, não é necessariamente cumulável e sintetizável de maneira simples... Sem ser preciso

postular uma lógica de descontinuidade absoluta ao pressupor que esses conceitos são radicalmente diferentes entre si, e que os atores saltam a cada instante de uma interação à outra, de um domínio de existência ao outro, sem nenhum sentimento de continuidade, pode-se pensar – e contatar empiricamente – que todas essas experiências não são sistematicamente coerentes, homogêneas nem totalmente compatíveis e que, no entanto, nós somos seus portadores. (LAHIRE, 2002, p. 32)

Para Lahire (idem), não dá para pensar como se os programas de socialização implícitos desses diferentes atores ou universos sociais fossem forçosamente e sistematicamente harmoniosos com relação ao universo familiar. Sendo assim, a experiência da pluralidade dos mundos tem todas as chances, em nossas sociedades ultradiferenciadas, de ser precoce. Por isso ele acrescenta que as socializações secundárias, mesmo realizadas em condições socioafetivas diferentes, podem questionar profundamente e fazer competição com o monopólio familiar na socialização da criança e do adolescente. Atente-se para o fato de que um indivíduo vive simultânea e sucessivamente em contextos sociais diferenciados.

A identidade social e individual, na contemporaneidade, não se realizaria mais a partir da correspondência contínua entre indivíduo e sociedade, entre os papéis que são propostos pelas instituições e a sua integral identificação pelos indivíduos, de acordo com o autor. O que se percebe, atualmente, é que existe uma tendência à articulação e à negociação constante entre valores e referências institucionais diferenciados das biografias dos atores.

Ao fazer uma reflexão sobre a particularidade do processo de socialização contemporâneo, Maria da Graça Jacintho Setton (2005) enfatiza o fato de que, até a década de 1960, a sociologia refletiu sobre duas instâncias tradicionais de educação, família e escola, como duas instituições separadas, mas que, no entanto, não eram antagônicas. Cada uma possuía sua função e seu papel complementar na formação e na socialização dos indivíduos. A família se apresentava como o espaço de afeto, um espaço privado responsável por um patrimônio e uma herança cultural de base. Já a escola se apresentava como um espaço público de formação de educação moral, social e profissional dos indivíduos.

Setton (2005) acrescenta que, a partir de meados do século passado, nos países desenvolvidos ocidentais e capitalistas e no Brasil, a partir a partir da década de 1970, quando ocorreu o crescimento de um mercado de bens simbólicos, pode-se constatar uma outra configuração sociocultural. Logo a sociedade brasileira se viu imersa em uma realidade cultural desconhecida até então, pois surge, aos poucos, um mercado difusor de informações e de entretenimento com forte caráter socializador. Isso é a “cultura de massa, que com toda sua diversidade e seu aparato tecnológico, com a capacidade de publicizar conselhos e estilo de vida, passa a difundir uma série de propostas de socialização” (idem, p. 346). Segundo a

autora, agora a cultura de massa partilha, juntamente com a família e a escola, de uma responsabilidade pedagógica. Portanto é dentro desse contexto, que ela enfatiza o fato de que a família e a escola, tidas como tradicionalmente detentoras do monopólio de formação de personalidades, aos poucos perdem seu poder na construção das identidades sociais e individuais dos sujeitos. São apresentados novos modelos familiares e também surgem novas propostas pedagógicas, fazendo com que haja uma pluralidade de projetos educativos.

Ainda segundo Setton (2005, p. 346-247):

O fenômeno da cultura de massa, responsável pela circulação de informações, favorecido pela fragilidade das instituições tradicionais de educação, constrói um ambiente favorável à difusão de valores e padrões de conduta diversificados e por vezes heterogêneos. Nesse contexto, aponta para uma nova arquitetura das relações sociais, em que as ações educativas não se realizam apenas nos espaços institucionais tradicionais. Ao contrário, essa nova configuração cultural alerta para outras modalidades educativas, circunstanciando a particularidade do processo de socialização contemporâneo.

Portanto, percebe-se que esta nova ordem cultural impõe certo impacto no processo de construção da identidade e da subjetividade do indivíduo nas formações sociais atuais.

Setton (idem) ainda ressalta que a pluralidade e a heterogeneidade das informações em circulação contribuem para o surgimento de uma nova percepção do indivíduo sobre si e sobre os grupos que o rodeiam, contribuindo, assim, para o surgimento de novas formas de interação social, bem como de novas formas de aproximação ou afastamento entre indivíduos e grupos. Nesse sentido, oferecem condições de ampliar e diversificar o conhecimento do indivíduo sobre o mundo, aumentando, desse modo, suas predisposições interpretativas e reflexivas.

Dessa forma, pode-se pensar em sujeitos sociais, portadores de um potencial reflexivo maior, que orientam suas práticas e ações e também refletem sobre a realidade a partir de outros parâmetros que não sejam mais exclusivamente locais e institucionais.

Portanto, se adota a perspectiva que percebe as biografias individuais e coletivas contemporâneas como não estando mais definidas e traçadas apenas a partir de experiências próximas no tempo e no espaço, transmitidas pelos agentes tradicionais da educação. Estas, na verdade, podem ser influenciadas por modelos e referências produzidos e vividos em contextos sociais longínquos ou até mesmo virtuais, possibilitados por essa nova configuração social.

CAPÍTULO 2

ESTRATÉGIAS DE PESQUISA E SUJEITOS DA PESQUISA

A sociedade funciona e é preciso que, enquanto cientistas sociais, conheçamos as suas especificidades, seus mecanismos de sustentação e de mudança. É este o nosso papel, através das ferramentas metodológicas que compõem o espectro do método científico, procurando adequá-las às nossas preocupações e problematizações teóricas.

Teresa Haguette

Os dados aqui apresentados foram obtidos a partir de um roteiro de entrevistas, individuais e abertas, que abordaram questões sobre violência e a relação dos jovens para com ela. Procurei, também, trabalhar a relação desses jovens com instituições socializadoras como a família, a escola e o trabalho, e com o grupo de amigos ao qual pertencem, buscando identificar os valores e as regras que fundamentavam suas práticas sociais para, a partir daí, identificar a violência presente nessas relações.

Quanto à estratégia de investigação, optei pela adoção de um roteiro de entrevista, como já foi citado. Esse método, segundo Haguette (2005), pode ser definido como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através de um roteiro de entrevista constando de uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central que deve ser seguida.

A entrevista, como qualquer outro método científico, busca a objetividade, mesmo não acreditando que isso seja possível, ademais de busca a captação do real, sem contaminações indesejáveis da parte do pesquisador e de fatores externos que possam modificá-lo. Segundo Haguette (idem, p. 87), “estamos cômnicos de que a objetividade é um ideal inatingível mas que, mesmo assim, o cientista deve tentar a aproximação”. Através dessa técnica, acredito que os principais fatos serão elucidados em suas expressões, procurando, assim, adentrar em verdadeiras cadeias de narrações, o que não é passível de acontecimento em uma entrevista fechada. Nesse sentido, percebo que a fala tem o poder de revelar e de ocultar, ou seja, pode mostrar além do que é dito. Por isso, estou consciente da duplicidade das palavras e até mesmo de sua ambigüidade, mas esta é, antes de tudo, uma prática na vida

do pesquisador que deve ser encarada, pois lhe cabe o papel de rastrear os vários significados assumidos.

As entrevistas foram realizadas nos domicílios dos entrevistados, primeiramente com dois dos alunos da escola em que trabalho. Os demais já não estudavam e, para conseguir chegar até eles, tive com contar com a ajuda de alunos e de ex-alunos da escola que me levaram ao encontro deles. O que mais me surpreendeu foi a receptividade da maioria dos entrevistados (Bruno, Vilmar e Júlio) para a realização desse trabalho. Encontrei uma maior resistência apenas por dois deles: Maurício e Wilian, que pareciam não se sentir totalmente seguros quanto à entrevista, mas, contudo, deram importantes contribuições, como os demais.

As metodologias qualitativas são capazes, segundo alguns autores, de fazerem uma aproximação da grandeza que é a vida dos seres humanos em sociedade, mesmo que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Elas também são muito importantes, uma vez que são capazes de abordar o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos seus significados e nas suas representações.

A pesquisa qualitativa é de extrema importância nesta análise, pois trabalha com o universo de significados, aspirações, valores e atitudes. Nesse sentido, corresponde a um espaço um pouco mais profundo nas relações, nos processos que não podem ser reduzidos à variáveis. Em outras palavras, a metodologia qualitativa busca compreender a realidade humana vivida socialmente, pois procura compreender e explicar a dinâmica das relações sociais.

Na sociedade brasileira são oferecidos aos jovens de periferia basicamente dois estilos de vida, ou seja, por um lado, uma vida de trabalho, com baixos salários, pois como são, em sua maioria, sem qualificação profissional, lhes são reservadas longas jornadas de trabalho, com baixa remuneração. Esta vida “é percebida como sofrida e com poucas gratificações” (CARMO, 2001, p. 23). Por outro lado, lhes é oferecido um modo de vida que se apresenta como sendo breve, mas ao mesmo tempo intenso e cheio de gratificações, onde alguns tipos de prazeres que lhes são negados no outro modo de vida, como consumo e lazer, neste são oferecidos a eles.

A realidade das periferias é apenas mais uma das inúmeras que concorrem no processo de socialização de crianças, adolescentes e jovens. Fatores como a pobreza, a discriminação e a falta de oportunidades para a educação, emprego e lazer, fazem parte desse processo de socialização. Muitas crianças e jovens da periferia são socializados em contextos cotidianos, onde a violência é considerada um meio legítimo de resolução de conflitos.

Acredita-se na importância do tema da socialização, começando pela socialização primária, na qual as crianças, em seus primeiros anos de vida, passam a considerar como inevitáveis determinados elementos da realidade social. Já a socialização secundária inclui todos os outros processos que o adolescente experimenta à medida em que vai entrando em novas áreas do mundo objetivo da sua comunidade e de sua sociedade. No entanto, o resultado desse processo tem se apresentado frágil, sujeito às alterações do tempo e à mudança das condições tecnológicas, econômicas e sociais. Esse processo é apresentado de forma muito clara nas relações sociais que os jovens estabelecem e que impõem sérios desafios contra os valores, as normas e os modelos de vida, na forma em que eram concebidos pelas gerações mais velhas.

A pesquisa de campo foi realizada com 5 jovens do sexo masculino, entre 16 e 23 anos de idade, residentes nos bairros Santa Luzia, Jardim Olímpico, Setor Tocantins e Residencial Santa Luzia, localizados na periferia de Aparecida de Goiânia. A escolha por esses bairros deu-se em função de ser a comunidade com a qual sempre tive maior contato, pois, além de ser moradora, também trabalho nessa região. Por isso, os primeiros contatos que tive com esses jovens se deram pelo convívio que eu tenho com eles nessa escola estadual da comunidade em que trabalho, como já citei, e, também, por meio da ajuda de alguns alunos e até de ex-alunos para chegar até aqueles, que já nem a escola frequentavam mais. É bom ressaltar que os nomes utilizados pelos entrevistados são fictícios, uma vez que procurei preservar suas verdadeiras identidades.

O primeiro entrevistado foi Bruno (22 anos), nascido em Goiânia e filho único de sua mãe. Atualmente vive na casa da namorada (grávida) e de sua família, mãe e irmão, mas até então moravam somente ele e sua mãe. Nunca conheceu o pai, que vive em Goiânia, devido à falta de interesse deste em conhecer o filho. Bruno demonstra certa mágoa pelo descaso do pai e, também, pelo fato de ter notícias de que tem mais irmãos e até sobrinhos, mas não possui contato com nenhum deles.

Bruno sempre estudou em escolas públicas e, aos 22 anos, cursa o 1ª série do Ensino Médio, pois frequentemente começa o ano letivo e logo desiste.

Até pouco tempo atrás, fazia parte de um grupo de pichação, mas desistiu. Atualmente, participa apenas do grupo da torcida organizada do time de futebol do Goiás, e sempre está envolvido nas confusões desse grupo (brigas de torcidas). Hoje desempregado, diz praticar pequenos furtos, como bonés de marcas, mas afirma só fazer isso quando está em grupo.

O que mais gosta de fazer para se divertir, é jogar futebol com os amigos. Segundo ele, não mexe com drogas², mas afirma já ter experimentado “porque sempre tem um que fala: experimenta, experimenta. Ai você fica naquela curiosidade e experimenta”.

De acordo com Bruno, sua relação com a mãe sempre foi cheia de conflitos desde a infância, como ele mesmo relata:

Olha, na minha infância já cheguei até a passar fome, quando eu discutia com minha mãe ela me deixava 3, 4 dias sem comer nada, uma vez um taquei pedra nela, porque não lembro o que eu tinha feito e ela me deu uma mangueirada daquelas de botijão de gás, daí eu joguei um trem dela fora e ela rasgou as minhas coisas, sendo que eu detesto isso. Ai eu joguei a pedra nela, daí ela me deixou fora de casa e eu dormi fora de casa. Isso eu tinha uns 11, 12 anos. Minha mãe já me mandou pra fora de casa e eu já fui, ela já me buscou... Minha mãe não queria que eu namorasse, pra ela ninguém prestava. Minha mãe já me passou vergonha no colégio, minha namorada estudava no colégio e minha mãe chegou xingando a menina todinha, falando que a menina não prestava, que era puta! Essas coisas... Por eu ser filho único, né, minha mãe tem ciúmes, tem medo de perder eu.

Aqui se pode perceber a relação de desrespeito entre mãe e filho. É interessante, também, o fato de ele atribuir muito do que é hoje a sua infância:

Acho que minha infância contribuiu pra hoje eu ser assim, acho que se minha mãe tivesse me dado mais carinho e compreendido as coisas que eu fazia naquela época... Tipo, eu tinha que chegar sempre num horário determinado, não podia atrasar, não podia ir pra casa de um colega meu final de semana e dormir lá, aí isso foi influenciando, os meninos chegavam chamando: “Ah, vamos para um jogo”, aí como eu discutia com minha mãe eu falava: “Quer saber? Então vamos”. Aí isso foi me levando, levando, levando... até eu começar gostar desse negócio de torcida organizada, entrar no meio, ficar nessas brigaiadas.

Outro jovem entrevistado foi Maurício, também de 22 anos, nascido em Goiânia. Mora com a família: pai, mãe e um irmão. Atualmente, diz não fazer parte de nenhum grupo como gangue ou galera, mas sempre sai com os amigos, sempre as mesmas pessoas. Sempre estudou em escolas públicas e é o único dos entrevistados que possui o Ensino Médio completo, mas, no entanto, não deu continuidade aos estudos.

O conheci na escola em que trabalho, na periferia em que foi realizada a pesquisa. Portanto, através da minha experiência e da de muitos colegas, posso afirmar que esse jovem foi considerado o “terror” dessa escola, pois sempre estava envolvido em confusão tanto com professores quanto com seus colegas. Segundo ele, não possui mais esse tipo de comportamento. Hoje, diz que o que mais gosta de fazer é pegar racha de moto na avenida

² Esta se referindo às drogas ilícitas, como maconha, cocaína e outras.

principal do setor. “Acho muita adrenalina em pegar racha, muito emocionante. Acho perigoso e até tenho medo, mas...”.

Maurício aponta como um dos principais motivos de sua mudança de comportamento o nascimento do seu filho: “Antigamente eu era brigão, mas hoje eu mudei, vixe! Porque comecei a pensar diferente, comecei a olhar diferente. Ai veio o filho agora, aí é que eu mudei mais ainda”. Esse jovem atualmente se encontra desempregado e, por isso, o pai, a mãe e o irmão sustentam a casa. Maurício diz que hoje seu maior sonho é poder voltar para a França, país em que passou dois meses e de onde teve que voltar por causa da namorada grávida que estava no Brasil. Afirma estar muito arrependido disso.

Vilmar, 16 anos, nasceu no Pará e mora com a irmã de 20 anos e a sobrinha. É mantido pelo primo, casado com sua irmã, que está na Espanha e manda dinheiro todo mês. Segundo ele, teve uma vida muito conturbada, pois o pai matou a mãe e mais alguns parentes quando ele tinha cinco anos de idade. A tia, para proteger os sobrinhos das ameaças de morte do pai, levou-os do Pará para o Maranhão, de onde vieram para Goiânia. Chegando aqui, ele e as três irmãs (todas mais velhas que ele: seis, nove e doze anos de idade) passaram por muitas dificuldades, pois não conheciam ninguém. Também tiveram que passar a morar com uma outra tia, que os maltratava muito, como ele mesmo relata:

Quando a gente morava lá, a gente era muito desnutrido, a gente passava até fome, eu mesmo ia muito assim nas padarias buscar coisas de ontem, muitas vezes eu e a minha irmã, quando a gente tinha fome, comia coisa estragada. Não é porque minha tia não tinha condições, ela tinha, mas era porque o neto dela era a única coisa pra ela, aí ela só dava pro neto dela.

Ele não possui e diz que não pretende ter nenhum contato com seu pai. Afirma não gostar dele e aponta os motivos (já citados) para isso. Porém, ao mesmo tempo, atribui a uma herança de seu pai o seu instinto violento:

Eu acho que sou uma pessoa violenta, na maior parte acho que herdei isso do meu pai, ele era violento de uma forma bruta, entendeu? Ele matava uma pessoa brincando, na brincadeira ele matava. Eu dependendo da circunstância em que eu tiver, eu também tenho coragem.

Atualmente, faz parte do grupo de torcida organizada do time do Goiás. Para ele, o que mais o atrai para esse grupo é o companheirismo dos amigos, pois quando um arruma uma briga, entra todo mundo. A principal forma de diversão de Vilmar é brincar de brigar com os amigos, pois, segundo ele, machuca, mas é divertido. Também adora praticar

pequenos furtos em residências, tanto só quanto acompanhado, encarando isso como uma forma de diversão.

Vilmar está cursando a 7ª série do Ensino Fundamental no período vespertino e sempre estudou em escolas públicas. Não trabalha formalmente, mas diz que mesmo sem gostar algumas vezes faz alguns bicos, como capinar lote. Afirma, também, que o primo que mantém a casa sempre o pressiona para passar a estudar à noite e trabalhar durante o dia, mas para o entrevistado ainda não é a hora de trabalhar dessa forma, quer esperar pelo menos até completar os 18 anos.

Wilian, 21 anos, nasceu em Goiânia. Mora com a mãe e um irmão, pois o outro meio-irmão que tem, de parte materna, foi há pouco tempo morar com o pai. Havia um outro irmão mais velho, que morreu aos 15 anos de idade, devido a uma pneumonia e a uma gastrite.

O pai de Wilian se separou de sua mãe quando ele ainda tinha um ano e seis meses de vida, e após a separação nunca os ajudou com nada, mesmo morando na mesma cidade. Demonstra certo rancor ao se referir ao pai e, ao mesmo tempo, uma grande admiração pela mãe, pois, segundo ele, foi quem sempre o criou sozinha e é quem sempre lhe dá força. Diz que, em sua casa, ele era o mais rebelde e que seus irmãos não são iguais a ele.

Atualmente não estuda e nem trabalha. Parou de estudar na 1ª série do Ensino Médio, tendo chegado até aí graças a um programa do governo de aceleração escolar para estudantes que se encontravam em situação de defasagem escolar. Quanto ao trabalho, está encostado pelo INSS devido a umas facadas que recebeu e que o deixaram um tempo de muletas. Ressalta que foi a partir desse momento que começou a pensar mais e que antes não queria saber de nada, só de curtir a vida. Wilian participava de uma galera da qual ele era o líder, pois se destacava entre os demais pela sua coragem e disposição para brigar e fazer bagunças nas ruas. Ele mesmo esclarece que:

Quando tinha a minha galera eu que era o líder, tudo que ia fazer eles já perguntava por mim, eu sempre tava em todas e eles não faziam nada sem mim. O primeiro lugar de tudo era eu, eles chegavam em mim e perguntava se podia ou não fazer. Eles achavam que eu era o melhor, pra “dá” (sic) idéia, pra aprontar, pra zuar.

Sempre entrava nas residências para praticar roubos e disse que fazia isso tanto sozinho, quanto com os amigos, mas que preferia fazer com os amigos.

Até hoje, apesar de afirmar que não mais participa desse tipo de grupo, é temido no setor por muitos jovens. Ele ressalta que esse fato é devido ao seu passado, porque, além

disso, todos no Setor sabem que ele já praticou um assassinato, do qual afirma não ter nenhum arrependimento.

O último dos jovens entrevistados foi Júlio, 23 anos, nascido em Belém do Pará. Veio para Goiânia com um mês de vida, após a separação dos pais. Atualmente, mora com a esposa (de quinze anos) e o filho de sete meses. Júlio diz nunca ter tido um bom relacionamento com sua mãe, e atribui sua criação à sua avó materna. Nunca viu o pai, mas sabe que mora na cidade de Manaus, e afirma guardar uma mágoa muito grande dele pelo fato de que sabe que ele tem várias casas em Manaus, é sargento aposentado do exército, e não o ajuda. Seus irmãos por parte de pai estão todos bem de situação e ele mora de aluguel em um barracão e tem que vender drogas para poder manter ele e a família. Júlio já chegou a ir até Manaus à procura do pai, mas este se recusa a conhecê-lo. Apesar disso, diz que está sempre esperando o dia ele em que o progenitor queira conhecê-lo.

Júlio atualmente faz parte do PCC (Principal Comando da Capital), facção criminosa sediada na capital paulista, há três anos, vendendo drogas fornecidas por essa facção nessa região. Não há registros dessa facção criminosa em Goiás, mas é sabido que grande parte do tráfico de drogas na grande Goiânia é gerenciado a partir do complexo prisional.

Ele parou de estudar na 5ª série do Ensino Fundamental, pois como trabalha no tráfico de drogas, segundo ele, fica difícil passar uma parte da noite na escola. Afirma que até que gosta de estudar, mas que também não tem mais paciência para isso.

Júlio, antes de entrar para o tráfico de drogas, tinha um trabalho formal, sendo chefe de cozinha de uma grande rede de lanchonete nacional. Porém, estava desiludido com a vida que levava e resolveu entrar para o tráfico, um caminho sem volta e do qual se arrepende. Também relata que sempre praticava assaltos e roubos às pessoas nas ruas de Goiânia. Esse jovem cometeu, aos 23 anos de idade, três assassinatos, fato do qual não possui nenhum arrependimento.

CAPÍTULO 3

JOVEM E VIOLÊNCIA

A violência, como fome devoradora, vai deixando de localizar-se, de produzir-se a partir de um espetáculo marcante, de brilho absoluto, como os suplícios públicos. Ela globaliza-se na multiplicidade do brilho de suas manifestações singulares.

Glória Diógenes

O sociólogo francês Michel Wieviorka (1997), ao escrever sobre a violência na sociedade contemporânea, faz referência a um *novo paradigma da violência*. Atualmente, a violência, inclusive em suas expressões mais localizadas ou limitadas, é explicada por mudanças em nível mundial, pela globalização ou mundialização da economia.

No Brasil, esse processo de globalização teve como conseqüências o aceleração da internacionalização da cultura e expansão desta cultura e das mídias eletrônicas. Márcia Regina da Costa (2006) afirma que esse período assinalou, entre outras transformações, uma série de mudanças no cenário econômico, político e cultural em nosso país. Diante disso, a autora (idem, p. 17) acrescenta ainda que “um dos fenômenos que adquirem visibilidade na cena cultural, nos centros urbanos, são os jovens pondo em cena novas demandas, comportamentos, consumo, bem como um estilo de vida diferente”.

Costa, ao falar de globalização, apóia-se em Appadurai (2001) para dizer que algumas conseqüências e as dimensões culturais da globalização produzem problemas que se manifestam em formas locais, mas que, no entanto, possuem contextos que são qualquer coisa, menos locais. Na concepção desse autor, a idéia de localidade e de identidade não se define tendo por referência apenas o território nacional, o Estado, pois o local é um projeto, imaginado cotidianamente, inventado e reinventado. Appadurai, segundo Costa (2006), acredita que uma das características do processo de globalização é a de que vivemos em um mundo de fluxos, caracterizado por objetos em movimento, que inclui idéias, ideologias, pessoas, bens, imagens, mensagens, tecnologias e técnicas. Isso significa dizer que, para o autor, o que define a nossa contemporaneidade é a circulação, pois este acrescenta ainda que esse mundo, além dos fluxos, pressupõe também estruturas e organizações estáveis que não

passam de mecanismos por nós criados para manipular e enfrentar os objetos em movimento. É nesse sentido que Costa (2006) afirma que, em um mundo em movimento, as disjunções entre os diversos vetores produzem problemas e conflitos em várias partes do mundo.

Nesse contexto, a autora ressalta que há um movimento em que emergem jovens que adotam estilos de vida específicos que assinalam para uma transformação das subjetividades. No entanto, esse movimento não atingiu a todos os jovens de forma igual:

[...] trata-se, de início, de jovens da classe média e de elite, que podem contar com recursos financeiros para consumir, ter o lazer e diversão como eixos de suas vidas. Passaram a se diferenciar pela roupa e pelo corte de cabelo, por seu gosto pelo rock e por suas estrelas, por circular pelas noites freqüentando boates e pontos de encontro específicos, por ostentar um comportamento tido como não convencional pela maioria da população. (COSTA, 2006, p. 17)

O fato de que, naquele momento, esses jovens fossem, em sua maioria, provenientes das camadas mais privilegiadas da sociedade, foi a base de fenômenos que, ainda segundo essa autora, ao se expandirem e se tornarem mais complexos nas décadas seguintes, tiveram uma longa trajetória que faz surgir os *punks*, *skinheads*, *darks*, *metaleiros*, *rappers*, *funkeiros*, entre outros, e isso acarretou o que passou a ser chamado de culturas juvenis.

Parte desses jovens, principalmente quando estavam em grupo, ostentavam um comportamento agressivo e, muitas vezes, violento. Esses grupos de jovens, ao adotarem determinados estilos de vida, passaram a ser negativamente denominados pela sociedade ou assumiram um estereótipo negativo, passando a se autodenominar gangue. Nesse contexto, esses estilos de vida, ao se manifestarem aqui no Brasil, acrescenta Costa (2006, p. 19), expressam “um processo, fruto da globalização, que comunica tensões globais, as quais produzem tanto localidades quanto novas modalidades globalizadas”. Dentro desse contexto histórico é possível citar os grupos de jovens de periferia que são nosso objeto de análise neste trabalho, pois hoje são fundamentalmente estes os novos protagonistas da violência urbana. Um jovem entrevistado fala sobre sua experiência:

Eu acho que os jovens hoje são mais violentos do que os do passado, porque eu acho que cada geração vai, em vez de melhorar, tá piorando mais, hoje você bate na cara de um menino de 18 anos e ele tá com um revólver querendo te dá tiro, igual ali no Santa Cruz, você ver menino de 10 anos com 38 na cintura. Porque a tendência do ser humano em vez de melhorar vai só piorando, então na cabeça do jovem é o seguinte, mexeu não tem conversa é na porrada agora, se num resolver na porrada aí... Na época da geração da minha mãe, da minha vó, você brigava era só na porrada, no chute, agora não, agora tem faca, tem revólver. Hoje você vai lá e bate, quem apanhou com certeza num vai querer deixar de graça, se você num der conta na porrada com certeza você vai querer pegar uma faca, um revólver, aí isso

gera um conflito que acaba dando em morte, porque você vem pra me matar e eu num quero morrer, eu vou querer te matar também, aí é a hora que um dos dois vai. (Júlio, 23 anos)

A condição de ser excluído e fazer parte de bairros de periferia como delimitação do objeto de investigação proposto foi pensada não como uma categoria chave de análise, mas fundamentalmente como forma de percepção de contextos culturais diferenciados. Foi apenas uma forma de delimitar, a partir do que acontece dentro da dinâmica juvenil desses bairros específicos, capaz de revelar uma trama significativa de violência. Nesse sentido, a condição de exclusão social aparece na investigação como uma forma capaz de possibilitar o sentido sobre as práticas da violência entre esses jovens. Júlio (23 anos) acrescenta:

Olha um jovem de periferia ver um amigo que já é mais bem de situação comprar um celular, igual esse lançamento da Claro agora de 3G, seu amigo chega e mostra o celular novim, é lógico que todo ser humano vai ter a inveja de ter um igual. Igual eu vejo os meninos sair daqui direto pra ir tipo lá no flamboyant que só tem maioria pessoa rica, pra poder roubar o celular, chega aqui destrava o celular e vai usar. A pessoa tem, assim todo ser humano ninguém contenta com o que tem, quer ter sempre mais, então se eu olho pro celular dele e vejo que é melhor que o meu eu vou querer ter um igual. Então se você num trabalha e não tem dinheiro pra comprar, você sai pra roubar. E às vezes também você trabalha o mês todim pra ganhar aquela mixaria, aí você pega vai comprar uma coisa que você tá com vontade de comprar à vista porque você tem outras contas, ai você vai e se ferra em dez prestação, como que você vai ficar pagando? E quando você vai despedido do serviço? Você vai ficar doido pra pagar aquela conta senão seu nome vai pro SPC. Igual eu já vi muitos amigos meus dizer: eu vou fazer um assalto porque eu tô sem dinheiro, ou então tá querendo um celular, aí sai e vai fazer.

Nesse sentido, a dinâmica própria do mundo do crime e as atrações que ele exerce, no sentido de um cálculo racional e na perspectiva de ganhar dinheiro fácil, seria alcançada por meio da atividade criminosa. Isso compõe o quadro das alternativas de atrações e ganhos para os jovens pobres. Fica claro também na fala de Júlio que a prática do roubo, por parte de jovens excluídos, expressa um desejo de inclusão e de integração à sociedade de consumo.

No Brasil, por exemplo, mais de 90% dos homicídios atingem homens, e entre aqueles que estão na faixa dos 14 aos 39 anos a porcentagem é de 80%. São os homens jovens as principais vítimas e os principais agentes (ZALUAR, 1995). As famílias ficam privadas, muitas vezes, daqueles que seriam os mais importantes contribuintes para a renda familiar. Além disso, nesse quadro de violência muitos se vêem mutilados tanto fisicamente quanto psicologicamente. Os que se tornam deficientes passam a ser um peso a mais para as famílias, principalmente para as mais pobres.

A violência também piora a qualidade de vida de todas as famílias, já que esta vem acompanhada de medo e insegurança. Nesse contexto ela se torna um problema para toda a

sociedade, pois atinge a rede de hospitais públicos e conveniados do país, uma vez que as internações para o tratamento de vítimas de acidentes e crimes violentos possuem um custo altíssimo para o sistema de saúde, que já sofre de falta de verba para atender a doentes, idosos e crianças. A violência atinge também as escolas, que, além de sofrer com problemas de currículo, má formação de professores e baixos salários, tem ainda que enfrentar os efeitos do tráfico de drogas sobre as crianças e os jovens. Nas escolas é cada vez mais comum o porte de arma entre os estudantes, bem como o sucateamento de bens coletivos como banheiros, bebedouros, carteiras, portas e muitos outros. Acredito que esta seria uma atitude destinada a provocar medo nas pessoas.

A juventude é caracterizada, por vários autores, como aquela que busca a diferença, possui o desejo de impactar, de provocar contrastes que, para eles, são marcas definidoras da existência social. Como exemplo há os movimentos *punk*, *dark*, funk, as torcidas organizadas e outros, que parecem mobilizar de forma mais visível a atenção e a tensão juvenil a partir dos anos 90: “A presença dos jovens no cenário urbano vai ser marcada pela agressividade real e simbólica do seu comportamento” (DIÓGENES, 1998, p. 103).

Para Glória Diógenes (1998, p. 93), falar em juventude é movimentar-se em um campo ambíguo de conceituação, pois “a juventude constitui-se como categoria social, no que tange à definição de um intervalo entre a infância e a vida adulta. A juventude é uma invenção moderna, sendo, desse modo tecida em um terreno de constantes transformações”.

De acordo com essa autora, a juventude é o segmento que mais catalisa as tensões sociais e também as exterioriza, ou seja, é a vitrine dos conflitos sociais. Portanto, acrescenta que em nenhum outro segmento social o vazio de referentes de autoridade e de lei tem efeito tão direto quanto na vivência juvenil. Nesse sentido, afirma “a ausência de valores sociais balizados por uma idéia de consenso, de constituição de referentes capazes de forjar identidades coletivas, impulsiona jovens de diferentes cidades do mundo às práticas da violência” (idem, p. 163).

Para Diógenes (idem, p. 64), “os estudos sobre juventude são quase sempre marcados por essa insegurança conceitual; eles, comumente expressam um esforço de apreensão de uma vivência que parece ser recortada pela ambivalência e transfiguração constante”. Daí a diversidade de classificações identificadas historicamente acerca do conceito de juventude. Para a autora (1998, p. 94):

Essa pluralidade conceitual certamente evidencia a complexidade da experiência juvenil, uma vez que a mesma tem como emblema a transição, sendo sempre a passagem entre o que é e o que deverá ser.

O que significa construir simbolicamente a idéia de transição em uma era profundamente marcada pela transitoriedade, pelo caráter fluido e polimórfico dos acontecimentos? Talvez seja por se tornar um signo da modernidade é que a juventude passa cada vez mais a ser abordada como uma fase crítica, vulnerável, marcada pela fluidez quanto à dimensão do tempo, e pelo deslocamento quanto a noção de espaço.

Já Hermano Vianna (1997) define juventude com as seguintes palavras: transitoriedade, turbulência, agitação, tensão, possibilidade de ruptura, crise, conflito, instabilidade, ambigüidade, liminariedade, flexibilidade, inquietude, dentre outras. No entanto e acima de tudo, essa vida social deve ser caracterizada por sua diversidade e pela busca daquilo que é uniforme.

De acordo com Melucci (1997, p. 9), na sociedade contemporânea

[a] juventude não é mais somente uma condição biológica, mas sim uma definição cultural. Incerteza, mobilidade, transitoriedade, abertura para mudança, todos os atributos tradicionais da adolescência como fase de transição, parecem ter se deslocado bem além dos limites biológicos para tornarem-se conotações culturais de amplo significado que os indivíduos assumem como parte de sua personalidade em muitos estágios da vida.

É nesse sentido que Melucci (idem, p. 9) percebe que “a adolescência parece estender-se acima das definições em termos de idade e começa a coincidir com a suspensão de um compromisso estável, com um tipo de aproximação nômade em relação ao tempo, ao espaço e cultura”. Para Melucci (1997), os estilos de roupa, os gêneros musicais, a participação em grupos, funcionam como linguagens temporárias e provisórias com as quais o indivíduo se identifica e manda sinais de reconhecimento para os outros.

Diógenes (1998) observou que muitos jovens, a partir de pesquisas realizadas em Fortaleza com gangues, mesmo atingindo a maioridade, recusam-se a se afastar da sociabilidade das turmas, a fim de alcançar um padrão estético relativo a uma vida que lhes é proibida. Essa rejeição ao modo de vida adulto e a vontade de permanecer jovem para continuar à margem do sistema social se deve ao fato de a juventude simbolizar a rebeldia, ao mesmo tempo em que o modo de vida adulto é simbolizado pelo trabalho, pela responsabilidade (DIÓGENES, 1998, p. 102).

Ainda sob a perspectiva de Melucci (1997), a natureza precária da juventude coloca para a sociedade a questão do tempo, pois para o autor a juventude deixa de ser uma condição biológica para se tornar uma definição simbólica. O autor (idem, p. 13) considera que as pessoas não são jovens apenas pela idade, mas por assumirem culturalmente características juvenis através da mudança e da transitoriedade: “O direito de fazer retroceder o relógio da

vida, tornando provisórias decisões profissionais e existenciais, para dispor de um tempo que não se pode medir somente em termos de objetivos instrumentais”.

Falar de juventude é apresentar seus problemas e questionamentos. De acordo com Fraga e Iulianelli (2003), do ponto de vista dos indivíduos a juventude seria uma condição provisória, transitória, diferentemente de outras categorias como gênero e classe social, que se apresentam como permanentes. No entanto, os autores (*idem*, p. 9) admitem que sua conceituação “é uma produção socioistórica, posto que cada época e sociedade admite sua concepção própria e lhe atribui funções específicas”. Eles se apóiam em Edgar Morin (1997) para afirmar que o recolhimento à esfera privada e o individualismo produziram, conseqüentemente, uma depreciação da experiência, uma desvalorização do conhecimento acumulado e da sabedoria dos mais velhos, forjando, em contrapartida, uma valorização da juventude e dos atributos a ela vinculados.

É importante ressaltar o fato de os autores atentarem para o que se verifica neste início de milênio, pois, segundo eles, ainda pesa sobre os jovens uma herança árdua e penosa, reflexo principalmente das mudanças ocorridas nas últimas décadas, uma vez que os jovens, assim como toda sociedade, sofrem com os processos que privilegiaram a acumulação do capital em detrimento dos investimentos sociais. Acrescentam, também, que os reflexos desse processo parecem ser mais perversos em relação aos jovens e às crianças, tendo como conseqüências o aumento da prostituição infanto-juvenil, a continuidade da exploração do trabalho infantil e a exclusão dos jovens do acesso à educação e ao mercado de trabalho. É colocado também, por Fraga e Iulianelli (*idem*) que, a partir da segunda metade da década de 1980, com a declaração do Ano Internacional da Criança e da Juventude, o sistema Nações Unidas passou a produzir um discurso sobre a juventude. Essa atenção, segundo eles, estava ligada a dois fatores: primeiro, a maioria dos jovens encontravam-se (e ainda se encontram) nos países subdesenvolvidos; segundo, o futuro do gênero humano e da sociedade mundial estava lançado sobre uma nova geração, refém da ausência de solidariedade e de responsabilidade social internacional.

Outro fato interessante nesse sentido é que esses autores também ressaltam o caso específico da América Latina, pois aqui o processo democrático manifesta um problema de fundo, uma vez que nossos Estados insistem em deixar de oferecer acesso aos direitos humanos para a maioria da população. Nesse quadro, a juventude encontra-se como um dos grupos sociais mais vulneráveis, já que a maioria dos direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais lhes é negada. A educação tem se mostrado pouco adequada à realidade juvenil, o

acesso ao trabalho e aos meios legais de geração de emprego e renda são praticamente vedados a eles e a produção cultural juvenil é pouco estimulada.

É interessante deixar claro aqui que hoje, para tratar do tema da juventude, baseado em diversos autores que trabalham muito bem esse assunto, é necessário levar em consideração as especificidades que recaem sobre esse objeto e, até mesmo, as profundas diferenças entre os agentes que o compõem. A juventude não é homogênea e, por isso, vários autores propõem falar de “juventudes” ao invés de “juventude”, pois essa categoria possui profundas diferenças no que se refere à condição social, raça, etnia e gênero, itens que atravessam esse grupo etário. Também a maneira e a forma de vivenciar essa fase da vida variam enormemente. Por exemplo, quando se trata de jovens pobres, verifica-se que são precocemente inseridos na vida adulta, precisando trabalhar, o que geralmente acontece sob condições irregulares e de risco, como se verificará mais adiante nesse trabalho. Quando nos referimos aos descendentes de negros e índios, estes são percebidos como alvos preferenciais da discriminação na sociedade, sendo, portanto, as maiores vítimas da violência social e institucional e apresentando as maiores dificuldades de mobilização social.

Percebo que há várias questões que podem ser analisadas nesse amplo debate que traz o tema da juventude. Mas o que me interessa aqui é discutir a problemática jovem e violência. A motivação maior desse interesse é o elevado índice de jovens envolvidos com a violência urbana. Estes têm chamado a atenção de especialistas de diferentes áreas, e a literatura dos últimos anos tem oferecido farto material para a elaboração de muitas análises. Aqui tratarei, no entanto, de jovens oriundos de bairros situados na periferia da cidade de Aparecida de Goiânia, observando particularmente as situações que proporcionam envolvimento em grupos ligados às práticas de violência, como pequenos furtos, participação em brigas e uma série de crimes crescentes que são especialmente praticados quando esses jovens estão em grupo. Assim, percebo que é muito comum a referência a atos violentos cometidos por influência do grupo, porque os colegas chamam ou porque vêem os outros fazerem.

Eu já fiz coisas sozinho, tipo roubar, mais a maioria era quando tava com os meninos. A gente ia mais era em firma. Quando não tinha ninguém dentro da firma a gente entrava pra pegar os trem. E entrar na casa também. A gente fazia isso por fazer mesmo, só pra bagunçar, na hora era bom, mas depois gastava o dinheiro todim e ficava liso de novo, aí ia e fazia de novo. O dinheiro a gente bebia ele todo, era só pra farra mesmo. (Wilian, 21 anos)

Quando a gente está sozinho e vê um menino com a camisa de outro time a gente não tem muita coragem de chegar lá bater e tomar a camiseta dele, mas quando tá com aquele bando, um atíça o outro, e fala: “vamo, vamo” e acaba indo todo mundo junto. Igual o dia em que a

gente bateu um cara na feira chegou ali no Bela Vista a policia pegou nós e foi todo mundo preso. Porque um influenciou o outro acabou todo mundo entrando na bagunça. (Bruno, 22 anos)

A exclusão vivida por esses jovens enseja a criação de formas alternativas de acesso aos bens de consumo e à renda, como a participação no tráfico de drogas e também através de ações violentas como furtos e roubos. Percebe-se, ademais, que muitas vezes parece haver, nessas práticas, uma busca alternativa pelo lazer, manifestada através das práticas de violência, como, por exemplo, as ações contra grupos inimigos, a depredação de bens, os furtos e roubos.

Os pequenos roubos e furtos estão entre os ilícitos mais comuns cometidos por jovens e adolescentes envolvidos em ações criminosas na periferia de Aparecida de Goiânia. Entre os cinco entrevistados, 4 disseram praticá-los ou já os terem praticado. Assaltam tudo que estiver ao seu alcance, pois isso é uma forma de buscar objetos necessários à vida que lhes são negados, como celular de ponta, tênis, bonés, roupas de marca e outros, além de ser também uma das formas de obterem os recursos necessários para comprar a droga. Não raro há, inclusive, a prática desses atos como uma forma de diversão.

Constata-se, também, que esses jovens preferem praticar roubos e furtos de maneira coletiva, o que passa a ser caracterizado como uma violência grupal, que prevalece sobre o individualismo e que se torna mais atraente e divertida para quem os pratica. Diante dessa realidade, parece que a violência que os atrai prende-os uns aos outros em uma verdadeira relação de cumplicidade.

De acordo com vários pesquisadores, o maior envolvimento dos adolescentes e jovens com atos violentos se dá com características fortemente associadas à masculinidade. O modelo de masculinidade desafiadora, destemida, que nega qualquer poder ou autoridade está presente nas falas dos entrevistados:

[...] você pode dá soco na cara do homem que ele num se irrita, mas um tapa na cara do homem é um insulto, uma vergonha, então eu não gosto de bater na cara de ninguém, porque eu não gosto que ninguém bata na minha. Você pode chegar e me dar porrada, soco, pesada, garrafada, chute, mas se você me der um tapa eu não aceito, eu tava sentado e o cara jogou cerveja no meu rosto e me deu um tapa. Eu já parei de sair por causa disso, parece que eu tenho um imã por causa de briga, mas eu não gosto de andar armado, é muito difícil, eu deixo em casa e vou pro lugar onde eu tenho que ir, se chegar lá eu precisar, eu já nem brigo antes, venho primeiro em casa e depois eu volto. Porque andar armado..., toda pessoa quando tá com a arma na cintura, ela acha que é mais que a outra pessoa, então pra não fazer besteira antes de chegar na rua eu deixo em casa. (Júlio, 23 anos)

Aqui, percebe-se que existem regras instituídas por esses jovens do que é tolerável e do que não o é, mesmo dentro de uma situação de conflito físico como são as brigas.

Essa outra fala mostra a agressividade relacionada à necessidade de se afirmar:

Quando é alguém que eu conheço que me ofende eu procuro ficar calmo, mas quando é pessoa que eu não conheço me ofende eu procuro responder à altura, se for pessoa que eu não gosto eu já vou pra cima assim pra brigar, porque eu já desconto o que eu tava querendo fazer, já machuco logo pra ver que eu não brinco, com pessoa que fica curtindo com minha cara, eu nunca gostei de ninguém gritar comigo, se gritar comigo eu sou facim de perder a paciência, perco a paciência rapidim. (Vilmar, 16 anos)

A violência torna-se habitual e banal para eles, pois faz parte de seu dia-a-dia, dando a impressão de que perderam a sensibilidade desses atos. Porém, a interiorização de comportamentos violentos que parecem habituais em muitos jovens não é regra geral, ou seja, não abrange a todos os adolescentes e jovens das periferias. Existe uma pluralidade que é preciso levar em consideração. É interessante notar que nessa mesma periferia encontram-se também jovens submetidos às mesmas condições sociais e que em nenhum momento de suas vidas se envolveram em atos de violência e, pelo contrário, possuem, muitas vezes, um discurso de aversão a esse tipo de conduta.

O *ethos* do estilo masculino agressivo também está presente no estudo de Maria Sylvania de Carvalho Franco (1997) denominado de *Homens livres na ordem escravocrata*. Este *ethos* de masculinidade se manifesta nas exigências colocadas pelo ambiente e pela própria necessidade de provar a honra. A autora, através da observação das relações de vizinhança, cooperação no trabalho, relações lúdicas, parentesco e moralidade naquela região e naquele período, procurou apanhar as tensões geradas naqueles grupos cuja organização tendia para um padrão comunitário. Segundo ela, em uma sociedade em que havia uma concentração dos meios de produção e, de forma lenta, mas progressivamente, aumentavam os mercados,

paralelamente forma-se um conjunto de homens livres e expropriados que não conheceram os rigores do trabalho forçado e não se proletarizaram. Formou-se assim, antes, uma “ralé” que cresceu e vagou ao longo de quatro séculos: homens a rigor dispensáveis, desvinculados dos processos essenciais à sociedade. (CARVALHO FRANCO, 1997, p. 14)

Nesse contexto, a agricultura mercantil baseada na escravidão, ao mesmo tempo em que abria espaço para sua existência, os deixava sem razão de ser. A violência então “atravessa toda a organização social, surgindo nos setores menos regulamentados da vida, como nas relações lúdicas, e projetando-se até a codificação dos valores fundamentais da

cultura” (CARVALHO FRANCO, 1997, p. 27). A autora demonstra que os ajustes violentos não eram esporádicos e nem mesmo relacionados a situações cujo caráter excepcional ou ligação expressavam valores altamente prezados na sociedade. Ao contrário, eles aparecem em circunstâncias banais imersas na corrente do cotidiano. Acrescenta, ainda, que os ajustes violentos não se verificam em situações que comprometem as probabilidades de sobrevivência, mas a acontecimentos irrelevantes até mesmo desse ponto de vista.

Segundo Carvalho Franco (idem), o padrão de comportamento daquela sociedade era a violência, que correspondia a todo um sistema de valores centrados na coragem pessoal. De acordo com esses códigos os riscos não eram evitados, mas ousadamente enfrentados. Essa autora observou também que, naquela sociedade, virtude, destemor e violência não se excluía, mas se confundiam.

De acordo com Almeida, Abreu e Barreira (2003, p. 171) é possível perceber, com um olhar mais atento, que “a violência crescente na periferia também resulta da violência histórica da sociedade brasileira, oriunda do regime das bases excludentes do regime escravocrata”. No entanto, esses autores também ressaltam que não se pode desvincular essa violência dos modelos globalizantes, com todas as suas transformações econômicas, políticas e tecnológicas operadas pelas grandes potências mundiais.

De acordo com Wieviorka (1997), a violência se alimenta no mínimo indiretamente das desigualdades e da exclusão que se reforçam com o mercado generalizado, a livre iniciativa, o rigor orçamentário e o livre comércio, e é sensível às evoluções que tornam a troca mais importante do que a produção e que ameaçam o trabalho. Ainda de acordo com esse autor, a violência contemporânea situa-se no cruzamento do social, do político e do cultural, do qual ela exprime correntemente as transformações e a eventual desestruturação. Para ele, a violência traz a marca do individualismo moderno que faz com que cada pessoa, mesmo muito jovem, seja suscetível a querer existir enquanto indivíduo consumidor e como sujeito.

A violência é uma forma de rejeitar a invisibilidade e a exclusão social compartilhada por jovens de várias esferas culturais. Porém, é vista pela maioria das pessoas como situada na periferia, já que a violência dos jovens deste local representa uma tentativa de demarcação e expressão da existência de todos aqueles que se sentem banidos e exilados, seja das vantagens econômicas, seja dos valores de uma ordem social segmentada e excludente. A violência que apavora a população brasileira não atinge a todos de igual maneira. Pode-se perceber isso através de pesquisa feita pela antropóloga Alba Zaluar (1994,

p. 248), na qual a autora constata que as “camadas pobres da população brasileira são as principais vítimas e os principais agentes dessa criminalidade”.

Não pretendo, aqui, cair no erro de responsabilizar a pobreza pela violência, mesmo porque todos sabem que nem todos os jovens pobres são criminosos. Mas o que se pretende entender são as motivações que fazem com que muitos deles adquiram comportamentos violentos. Quando Gilberto Velho (2000, p. 17) tenta explicar “a crescente violência da sociedade brasileira” procura deixar claro que:

[...] não é apenas a desigualdade social, mas o fato de esta ser acompanhada de um esvaziamento de conteúdos culturais, particularmente os éticos, no sistema de relações sociais. Ou seja, a pobreza tomada isoladamente não explica a perda de referenciais éticos que sustentem as interações entre grupos e indivíduos. Isto fica mas evidente nas grandes cidades, devido à exacerbação da iniquidade social gerada pelo contraste agudo dos modos de vida.

Sobre a violência juvenil há diversas interpretações, mas os autores que escolhi para me orientarem nesta análise deixam claro que, na sociedade brasileira como um todo e, principalmente, nos grandes centros urbanos, houve perda significativa de valores morais, familiares, tradicionais, hierárquicos, dentre outros. Jane Souto (1997, p. 78) traduz essa situação como sendo

[...] uma crise moral cujos sintomas se traduzem no descontentamento dos jovens, na falta de projetos em relação ao futuro, na apatia e descrença política, no esgarçamento de laços de solidariedade, numa ideologia de individualismo e de consumismo desenfreado; poderia, ainda deitar suas raízes em processo de mudança econômica que leva a uma marginalização dos jovens na ordem do trabalho e do consumo e reforça neles o sentimento e a imagem de outsiders; poderia, enfim, representar uma resposta perversa à exclusão e ao desdém que pontuou o lugar e o tratamento que recebem da sociedade, resposta que tende a ser maior e mais agressiva, quando o tecido social já esta corroído pela violência.

Porém, a exclusão e o desprezo social formam um par perfeito para a emergência de comportamentos violentos. A modernização e o crescimento das grandes cidades afetaram profundamente o sistema de valores e relações sociais. Portanto, nesse campo de transformações as ideologias individualistas ganham espaço, pois se diversificaram as possibilidades socioculturais, ou seja, cresceram as alternativas quanto a estilos de vida. Estas mudanças afetaram profundamente o universo dos valores e, à medida que o individualismo foi ganhando espaço, “a violência física foi rotinizando, deixando de ser excepcional para tornar-se uma marca do cotidiano” (VELHO, 2000, p. 18). Segundo Zaluar (1997), há um novo tipo de guerra, em que os jovens estão perecendo e o que é pior, uma guerra dentro de

uma mesma nação. A violência entre eles é banalizada, eles se enfrentam por “interesses comerciais, rixas infantis, por um simples olhar atravessado, por uma simples desconfiança de traição” (idem, p. 46), o que ficou muito claro na fala dos jovens. Um deles afirma:

Quando eu me sinto ofendido, dependendo da ofensa eu já quero partir logo é pra briga. Não tenho muita paciência não, ainda mais quando o santo da pessoa não bate com o meu. Tipo assim, eu não me identifico com a pessoa, eu não vou com a cara da pessoa. Aí a pessoa vai e me xinga, dependendo do que ela me xinga aí eu já não quero nem saber, já parto pra cima dela e já desconto minha raiva todinha em cima dela, aí já junta aquela raiva e eu já quero descontar é tudo logo em cima dela. (Bruno. 22 anos)

Eles vivem uma espécie de guerrinha provocada por pequenas feridas no orgulho, pois rejeitam serem titulados como otário – alguém a quem falta esperteza –, se submetem ao trabalho por salário baixo e são pessoas que não se vestem nem consomem como os ricos (ZALUAR, 1997). Para esses jovens, “mais humilhante do que ser pobre é ser bobo, identificado como alguém que não tem disponibilidade para brigar” (ZALUAR e LEAL apud ZALUAR, 1997, p. 18). É interessante quando o jovem Vilmar fala sobre “ser otário”:

Otário é uma pessoa desligada, uma pessoa que não escuta o que os outros tão falando, faz o que o grupo não quer, que é desobediente com o grupo, entendeu, isso é uma pessoa desligada que não presta bem atenção. Um amigo meu mesmo a gente chamou ele pra uma briga, ele era grande e você sabe, né, ajuda muito uma pessoa grande no grupo porque a gente ia brigar, tipo galera com galera, porque era muita gente contra só um, aí ele veio chamar nós e esse amigo nosso não veio e a gente pediu muito pra ele vim, daí depois a gente ficou curtindo com ele: “Você é muito é otário, moço! Você num ajuda ninguém, não”. Isso acabou ficando ruim pra ele, entendeu? (Vilmar, 16 anos)

A coragem entre eles remete a um padrão de comportamento exigido por eles mesmos, que lhes oferece certo status almejado entre os membros do grupo e onde quem não o ostenta é imediatamente jogado para o campo dos desqualificados para o convívio social simplesmente pela demonstração de incapacidade de coragem.

Muitos jovens da periferia, a partir da “observação de suas próprias experiências ou da observação de vida de seus pais, formam entre eles uma imagem depreciativa do trabalho” (SOUTO, 1997, p. 69). Para eles, o trabalho é visto como uma situação de escravidão, já que geralmente o lugar reservado aos jovens pobres no mercado de trabalho brasileiro é o das tarefas pesadas, monótonas e mal remuneradas, com longas jornadas de trabalho, sem proteção legal e sem qualquer relação com o sentido de profissionalização contido na Constituição, ou, até mesmo, de desemprego (idem, p. 68).

Nesse sentido, a vida dos trabalhadores é vista como modesta, cheia de dificuldades e frustrações, e isso faz com que esse estilo de vida se torne para alguns algo a ser negado. As aspirações de consumo são generalizadas entre os jovens, pois o apelo ao consumo atinge todos os setores da população, inclusive aqueles que não o podem realizar. Isso faz com que cresça a distância social entre os que podem realizar o consumo e os que não podem, fazendo com que muitos se sintam vitimados pela privação e pelo desejo de possuir bens materiais. Surge, em alguns, um sentimento de revolta e de inconformismo para com a vida pobre que possuem em contraste com o consumo e riqueza que vêem nos meios de comunicação e de publicidade. Diante desse contexto, a violência passa a ser vista como uma espécie de passaporte de inclusão de grupos e pessoas que se percebem como negados, impossibilitados de manifestarem sua própria subjetividade, arrebatados ou destruídos pelo desprezo de outras pessoas ou grupos melhor situados e que se recusam a reconhecê-los como sujeitos. O crescimento de comportamentos violentos não é explicado pela miséria, mas sim pela exclusão social, que Zaluar (1997, p. 32) define como processos simultâneos que incluem o “desemprego, afastamento da escola, estigmatização pelo uso de drogas, enfraquecimento dos movimentos sociais, diluição dos laços sociais, nos bairros e a própria ausência do conflito social que é substituído pelo vazio e pela raiva”. A violência passa a ser uma forma de afirmação daqueles que se sentem negados e excluídos e ela é compartilhada por pessoas, principalmente jovens de várias esferas culturais.

CAPÍTULO 4

SOCIALIZAÇÃO: ENTRE A FAMÍLIA E O GRUPO

A ordem é uma espécie de compulsão a ser repetida, compulsão que, ao se estabelecer um regulamento de uma vez por todas, decide quando, onde e como uma coisa será efetuada, e isso de tal maneira que, em todas as circunstâncias semelhantes, a hesitação e a indecisão nos são poupadas.

Sigmund Freud

De acordo com Zaluar (1994), no Brasil houve, a partir dos anos 70, um distanciamento de relações pessoais entre pobres e ricos, seja pelo fato deles estarem fisicamente separados pelo local de moradia, seja por se desfazerem dos laços pessoais de patronagem. O novo tipo de clientelismo que surge, o da máquina política, não possui os mesmos meios de controle social, nem é capaz de dar soluções para os problemas de empregos e de salários baixos. Nesse contexto, diante dessa nova situação que se formou no país, os pais e os filhos também se afastaram. O pai devia se desdobrar no trabalho como chefe de família, a mãe agora se insere no mercado de trabalho, afastando-se também da casa, onde as crianças ficam sozinhas. Diante disso, os papéis sociais são redefinidos e instituições como a escola, os centros de assistência social e a polícia passam a exercer funções que antes eram exclusivamente das relações pessoais entre pais e filhos, patronos e clientes, padrinhos e afilhados. Nesse sentido, diante de uma situação em que as redes pessoais de controle e de socialização se desmantelaram definitivamente, as novas agências ainda não se mostraram eficazes em suas funções, muito pelo contrário. Zaluar (idem) acredita que essas instituições fracassam tanto como socializadoras quanto como transmissoras de instruções. Por isso, afirma que: “Na crise de valores que se segue, os jovens mais desvinculados tendem a se agregar em grupos que criam seus próprios valores e se isolam do mundo dos adultos de sua classe social” (ZALUAR, 1994, p. 113).

Essa idéia de Zaluar (idem) fica bastante evidenciada no relato desses jovens de Aparecida de Goiânia:

Por exemplo, o meu pai chega em mim e fala: eu não quero que você vá pro bar beber, brigar ou se alguém te oferecer droga você não aceita. Aí quando você chega lá, você pensa eu vou tomar cerveja, tô aqui com os amigos, aí toma cerveja, aí você vai entrá no cigarro, aí surge uma briga e você vai lá e entra também. Sempre tem aquele ovelhinha negra da turminha que

fala: vamo fumar um braunzin aqui, ou vamo cheirar um pó, aí se todos fazem, aquele que num faz num quer ficar caretão no meio dos outros, é a hora que ele entra no meio também. Por exemplo, você anda com 4 amigos, 3 usam droga e você não, 3 bebe e você não, 3 fuma e você não, aí você fica sendo o caretão, aí a pessoa num aceita porque na cabeça do jovem, aí ele pega e pensa assim, pra eles num me achar o caretão, aí ele vai e aceita e começa a fazer tudo que os outros fazem. (Júlio, 23 anos)

Na fala de Júlio fica bastante evidenciada a oposição que é vivida pelos jovens no que se refere à vontade dos pais e à do grupo de amigos. A situação que acontece com Júlio é a mesma de boa parte dos jovens, que vivendo essa contradição de valores, por medo de serem excluídos ou ridicularizados pelo grupo, acabam tendo que se submeter à vontade desse grupo. Os grupos de jovens expressam o rompimento com padrões de comportamentos passados pela família. Esses agrupamentos parecem se desvincular do passado, procurando, sobretudo, afirmar sua autonomia. Diante disso, acredito que na ausência de valores sociais os jovens são impulsionados às práticas de violência.

Outro fato que merece ser enfatizado é o de que valores como os de virilidade é que fazem com que os jovens respondam aos desafios através da violência, adquirida não apenas nos grupos, nas ruas ou nos bairros, mas também na família. É o que relata Júlio (23 anos), que chega até a culpar a mãe pelo que se tornou:

Olha eu sou uma pessoa que não levo desaforo pra casa, vou tentando conversar, mas quando num dá vai na porrada mesmo. Porque o meu ensinamento foi o seguinte: se eu apanhasse na escola, quando eu chegasse em casa eu ia apanhar também. Então você cresce com aquilo na cabeça, se eu apanhar na rua eu vou apanhar em casa também, então eu tenho que bater na rua, que chegar em casa ela num me bate, aí você vai crescendo com aquilo. Depois você pensa eu nunca levei desaforo pra casa, por que eu levar agora?

Olha um dia, até minha mulher escutou, minha mãe tava brigando comigo, aí eu falei pra ela: quando eu tava piquininim que tinha uns 9 ou 10 anos, quando eu comecei a aprontar no colégio, a brigar, fazer birra, ela deveria ter puxado mais a minha rédea, mas não. Mão na cabeça, mão na cabeça, deixa o menino, deixa o menino. Aí ela veio brigar comigo e eu falei: “Se você num tivesse passado a mão na minha cabeça, tivesse me corrigido certo, hoje eu não seria o que eu sou”. Ela num teve nada pra falar, ficou calada.

Já na fala desse outro entrevistado percebo que existe um conflito entre o jovem e a mãe, que se apresenta como chefe da família, já que ele não conviveu com a figura do pai:

Minha mãe não gostava das minhas amizades, porque os meus amigos eram todos vagabundos, só queria ficar na rua, não queria saber de estudar, não queria saber de nada, só de vagabundagem. Eu ficava calado só que não dava idéia não, saía pra rua do mesmo jeito. (Wilian, 21 anos).

Nesse caso, a mãe se opõe às amizades desse jovem pelo fato deles rejeitarem uma instituição importante no processo de socialização, a escola, e até mesmo pelo distanciamento dela no processo de socialização dos filhos, uma vez que esta, na função de chefe de família, se desdobra como auxiliar de produção para sustentar a casa e os filhos sozinha. Em meio a esse conflito, esse jovem acaba ignorando a vontade da mãe e aderindo à forma de sociabilidade do grupo. Eles constroem novas relações marcadas pela expressão da liberdade e por poderem ultrapassar limites. A mãe aparece como aquela que sempre contesta, que reclama das más companhias, parecendo nunca desistir.

Fica claro, também, a falta de controle dos pais no processo de socialização do filho, a facilidade com que esses jovens desobedecem à vontade dos pais. Isso indica uma profunda interrupção nas relações de autoridade e poder da família com relação aos filhos em nossa sociedade.

Aqui a rua é também representada como um lugar perigoso. A fala de Bruno vem reforçar ainda mais a idéia que foi até aqui apresentada:

O cara fala assim, vamo ali numa festa, aí o cara já não é meio de festa, fala “Ah não, não vou não”. Aí os meninos já começa a falar: “Ih, não, ele é otário, não gosta de divertir”. Se você tá num barzim e fala: “Ah, vamo tomar uma cerveja aí?”. Aí o menino que não gosta de beber, né, fala: “Eu não bebo, não”. Daí os meninos já fala, “Esse é otário, ó, não serve pra andar com nós, porque não curti as mesmas coisas que nós curti”. Por isso que muitas vezes nós chama a maioria do povo aí de otário.

Os meus amigos me influenciam mais que minha mãe, porque se dependesse dela eu não tava mexendo com isso não, ela acha muito perigoso. O dia em que eu fui preso ela começou a passar mal e foi a maior dor de cabeça. (Bruno, 22 anos)

Os grupos de jovens estabelecem regras e padrões de comportamento que são impostos aos participantes, em que para fazer parte é preciso se submeter a tais regras. As formas de coerção usadas pelos grupos se resumem quase sempre em difamação, humilhação e ridicularização, como, por exemplo, o adjetivo “otário”, que quase sempre é utilizado para aquele que não consegue se enquadrar nas normas de comportamento do grupo. Isso é algo que eles rejeitam, além de implicar também na exclusão do grupo, por isso não desejam ser “o otário”.

Existe, entre alguns grupos de jovens, certa supervalorização da força, de códigos segundo os quais vence o mais forte, enquanto os outros vivem discriminados, humilhados e com medo. Parece que isso se tornou um estilo jovem da cultura contemporânea.

Bruno admite, ainda, que seus amigos possuem maior influência sobre ele do que sua própria família, uma vez que a mãe (chefe de família) tampouco consegue influenciá-lo da

forma como fazem os amigos. Por isso as diferentes influências às quais estão sujeitos os jovens desencadeiam em formas divergentes de socialização, às quais Lahire (2002) afirma que: “é comum pessoas agirem e pensarem de maneiras diferentes e até contraditórias no decorrer de uma vida”.

Olha as pessoas que me criaram procuravam e ainda procuram me ensinar muita coisa, mas eu acho que ainda não está na hora de aprender o que eles querem me ensinar. Tipo responsabilidade, que eu ainda não quero ter, porque eu acho que é muita coisa pra mim ainda. Também caráter, parar mais com as brincadeiras sem graça, é diversão entendeu. Porque eu gosto de me divertir a qualquer hora, toda hora pra mim é brincadeira, sair com os amigos, sair à noite e voltar à hora que quiser, eu mal tenho essa liberdade e quando eu tenho é sempre criticada, entendeu? Eles não querem deixar, eu sei que muitas vezes eu sou errado porque eles querem o meu bem, querem me proteger, mas colam muito em cima da gente e eu acho isso errado, devia dar mais um pouco de liberdade. Por exemplo: você quer ensinar uma coisa, não quer aprender, deixa quebrar a cara pra aprender, eles não quer deixar isso, eles quer ensinar quando a gente não quer, acho que isso tem um momento certo. Que nem o meu primo, ele quer que eu comece a trabalhar e saia do colégio, assim trabalhe durante o dia e estuda à noite e eu não quero porque quando eu era menino eu não tinha amigo, não tinha assim gente pra mim sair, fazer trabalho na casa de amigo meu, ficava o tempo todo em casa, se saísse apanhava, mas eu sempre saía escondido aí sempre levava uma surra quando eu chegava, nunca tive essa liberdade, assim de amizade, de ir na casa de um amigo e brincar até umas cinco horas, entendeu, mas agora eu tenho e não quero largar isso agora. Quero pelo menos chegar aos meus 18 anos, como eu tô agora, eu já tô começando a entender o que eles tão querendo passar pra mim, mas eu quero curtir mais, porque se eu sair do colégio agora de tarde eu não vou poder fazer isso de dia, porque vou tá trabalhando, não vou poder ver meus amigos. Meus amigos a maior parte deles estão aqui no colégio, nas ruas onde eu passo. Lá eu não conhecia ninguém, quando eu cheguei aqui eu conheci muita gente, faz mais ou menos uns 6 anos que estou aqui e já fiz muitas amizades. (Vilmar, 16 anos)

A partir desses relatos é possível perceber que os jovens se afastam de valores tais como honestidade, ética do trabalho e outros, que recebem dos pais ou dos responsáveis, e passam a absorver os valores de grupos de jovens do qual começam a fazer parte, onde constroem seus próprios valores baseados, quase sempre, na ausência de limites e, assim, contrapondo-se aos da família. Diante disso, tudo o que parece ser errado e ilegal para outra parte da população parece se transformar em verdadeiros atrativos para esses jovens. É dentro desse contexto urbano que a rebeldia juvenil revela códigos de inclusão e exclusão social que aparecem nas galeras e nos grupos, como uma nova forma de socialização contemporânea.

Gilberto Velho (1996, p. 16-17) também faz uma reflexão interessante nesse sentido:

A modernização, particularmente o crescimento das grandes cidades, afetou seriamente o sistema de valores e relações sociais. A expansão da economia de mercado, as migrações, a industrialização, a introdução de novas tecnologias e o florescimento de uma cultura de massa contribuíram para o aceleração dessas transformações. Nesse processo as ideologias individualistas ganharam terreno, diversificou-se o campo de possibilidades sócio-culturais e, de um modo geral,

creceram as alternativas e escolhas quanto a estilos de vida. Sem dúvida, categorias oprimidas e diversas minorias passaram a ter mais reconhecimento e presença na sociedade, mesmo que, freqüentemente, tenham que, por isso, pagar um preço elevado. A difusão dos valores individualistas, em geral, significou um enfraquecimento nas formas de tradicionais de dominação associadas a uma visão de mundo hierarquizante.

As formas de sociabilidade que existem entre os jovens moradores da periferia de Aparecida de Goiânia não se diferenciam de outras encontradas nas grandes metrópoles brasileiras, já que elas nascem principalmente da socialização no mundo da rua, onde desenvolvem relações de amizade, lazer, diversão, cumplicidade. Muitas vezes eles encontram na violência a sua maior forma de expressão, pois é a violência que aparece muitas vezes como parceira inseparável de suas manifestações. Assim, as instituições que recobrem as formas de sociabilidade juvenil, adquirem dimensões socializadoras no mundo da rua. A rua é vista como um espaço em que adolescentes e jovens interagem com o mundo da delinquência, onde consomem drogas, praticam crimes e agridem ou são agredidos.

Ainda nesse sentido, Sposito (1994) esclarece bem esse assunto, pois percebe que:

Na juventude, os laços com a família tendem a se tornar mais difusos ao lado de uma inserção mais forte em outras instituições que pode, muitas vezes, repercutir no próprio padrão socializador desenvolvido pelo grupo familiar de origem. Dentre as agências privilegiadas nesta fase da socialização secundária estaria a escola, encarregada de transmitir os valores sociais mais amplos e de preparar para a divisão social do trabalho.

Percebe-se, nos relatos desses jovens, o afastamento dos valores da família e, ao mesmo tempo, uma inserção mais forte entre o grupo de amigos. Já na juventude os valores da família e os dos grupos se contrapõem de forma clara, e mesmo diante desse conflito de valores é comum a inserção do jovem nesses grupos de amigos, pois, na maioria das vezes, são levados a agir pela necessidade de pertencer ou de ser aceito no grupo. Nesse sentido, se organizam de forma a deixar de lado os valores da família e a fazerem parte de um grupo onde o ideal deles é marcar presença. Muitas vezes é justamente a necessidade de fazer parte do grupo e de não ser excluído por ele que mobiliza práticas de violência.

Lahire (2002) dá uma grande contribuição a este trabalho, uma vez que, para o autor, as sociedades contemporâneas, ao contrário do que ocorre nas sociedades tradicionais, são incomparavelmente mais extensas do ponto de vista espacial e demográfico, em que existe forte diferenciação das esferas de ação, das instituições, dos produtos culturais e dos modelos de socialização, onde existe menos estabilidade das condições de socialização. Aqui é a família, a escola, os grupos de iguais, as muitas instituições culturais, os meios de

comunicação, entre outros, que os jovens são levados a confrontar-se cada vez mais com situações heterogêneas, concorrentes e, às vezes, até contraditórias com o tipo de socialização que recebem da família. O autor (idem) acrescenta ainda que a coerência de hábitos ou de esquemas de ação que cada ator pode ter interiorizado depende, portanto, da coerência dos princípios de socialização aos quais está sujeito. Uma vez vivendo simultaneamente dentro de uma pluralidade de mundos sociais não homogêneos e, às vezes, até contraditórios, ou dentro de universos sociais relativamente coerentes, mas que apresentam, em certos aspectos, contradições. Por isso, segundo Lahire (2002), não é possível existir um ator com ações e hábitos homogêneos. Assim, é comum encontrar, em nossa sociedade, atores individuais menos unificados e portadores de hábitos heterogêneos e, em muitos casos, opostos e contraditórios.

É o caso do jovem Júlio, que deixou o emprego de chefe de cozinha de um *fast food* para se tornar um traficante:

A minha profissão é boa, eu sou chefe de cozinha do Habib's, eu tenho até diploma, eu trabalhei lá dos 18 até os 20 anos, lá foi meu primeiro emprego. O chefe de cozinha o salário é até bom, R\$ 750,00, só que na época eu era muito estourado, não aceitava ninguém falar nada pra mim. Chegava um, reclamava, aí eu já saía brigando, xingando, ou com gerente ou dono. Aí quando abriu a loja da T-63 eu entrei lá porque era inauguração da loja. De veterano só tinha eu e mais dois velhims e um rapaz, o resto era tudo novato. A loja abriu, inaugurou, encheu demais e eles começaram a atrasar os pedidos. Eu na chapa ajudando um novato com os hambúrguer, aí o gerente chegou e começou a xingar falando que nós era incompetente, aí eu peguei a mão dele e pus na chapa, aí o patrão pra num despedir só um despediu os dois, aí fui lá pra loja da Tamandaré e discuti o com o dono mesmo, dono da rede, eu num podia ser despedido aqui pela rede de Goiânia, porque ela era assinada pela rede Habib's, então só quem podia despedir era a rede Habib's. Aí eu fui transferido pro Flamboyant, depois recebi o convite, aí pedi as contas. Aí você trabalha o mês todim, ali seguido, todo dia, todo dia, com uma folga por mês e trabalhar no horário que eu trabalhava. Eu ficava lá das duas até a meia noite, tinha dia que eu ficava da meia noite até as sete da manhã, aí eu fui cansando desse negócio, eu ficava morrendo de trabalhar aí, e no final do mês só vinha aquela mixaria. Agora não, é ruim o que eu faço, mas eu pego 50g e passo R\$ 400,00 pro cara e fico com R\$ 600,00 ou R\$ 700,00, tem vez que faço mais de mil, porque 50g num dá nem 3 dias. E o pessoal paga, né, porque se num pagar já sabe como é que é. Eu mesmo já falo, chegou na minha porta ou então me ligou, pediu fiado eu já falo logo, "Não vendo! Porque se eu te vender fiado, como é que eu vou lá na tua casa pegar de volta, sendo que você já consumiu, aí tem que dá meu jeito". Pode chegar até amigo aí, pedindo fiado, eu não vendo, às vezes eu prefiro dá logo. (Júlio, 23 anos)

É pelo fato de que, durante toda uma vida, o indivíduo viver experiências variadas, diferentes e, às vezes, até contraditórias, é que Lahire (2002) se refere ao indivíduo como ator plural, produto da experiência, trajetória ou simultaneamente no curso de um mesmo período de tempo, que participou de universos sociais ocupando posições diferentes.

É interessante lembrar que, de acordo com Diógenes (1998), o que se pode assinalar como denominador comum nas práticas juvenis que marcam a juventude a partir dos anos 90 é a necessidade de formação de turmas, que tem como objetivo marcar presença impactante no cenário social. Nesse contexto são comuns práticas de violência também pelo medo de exclusão, uma vez que eles temem ser excluídos ou, até mesmo, ridicularizados entre os membros do grupo, onde muitas vezes a violência passa a fazer parte do cotidiano. Assim, o processo de socialização do jovem, visto sob o ângulo do grupo de amizade, analisei aqui, produz novas relações que são marcadas pela expressão de liberdade e por poderem extrapolar limites.

4.1 Sobre a família

Parto, então, da idéia de que a família é um campo privilegiado para se pensar a relação entre o jovem e a sociedade. As narrativas de vida apresentadas nessa pesquisa foram de suma importância para analisar a relação do jovem com os valores familiares, assim como sua relação com o grupo de amigos que passam a fazer parte desse período da vida.

A família é o lugar onde se ouvem as primeiras falas com as quais se constroem a auto-imagem e a do mundo exterior. Portanto esta, seja qual for sua composição e sua organização, é o meio de onde se começa a ver e a dar significado ao mundo. Esse processo se inicia ao nascer e prolonga-se por toda a vida, a partir dos diferentes lugares que se ocupa na família.

Cynthia Anderson Sarti (2006, p. 123), ao falar sobre o jovem na família, afirma:

Os jovens caracterizam-se precisamente pela busca de outros referenciais para a construção de sua identidade fora da família, como parte de seu processo de individuação, perante o mundo familiar e social. Necessitam falar de si no plural, recriando “famílias” (como construção de “nós”) fora de seu âmbito familiar de origem, através dos vários grupos de pares (*peer groups*), seja em torno (*rock, rap*), de outras atividades culturais, esportivas ou de outras formas de expressão dos jovens no espaço público.

Outro aspecto importante na relação do jovem com a família é a forma como esta se relaciona com os “outros”, ou seja, os que são estranhos ao meio familiar. É o caso do grupo de amigos. O jovem traz os amigos para casa, no sentido de que neles ele se reconhece, e isso constitui parte essencial da busca de sentido para sua existência pessoal. A partir daí, a disponibilidade e a definição dos limites da família para deixar entrar, aceitar e lidar com

esses outros do mundo jovem serão determinantes das relações na família nesse momento de sua vida.

Nos relatos dos entrevistados pude perceber o conflito existente entre a família e o grupo de amigos desses jovens, conflito que se dá, essencialmente, pelas divergências de valores entre esses dois grupos, a família e os grupos de amigos. Nesse sentido, a família dos jovens tem dificuldade em lidar com esses grupos, à medida que percebem que eles representam certa ameaça às projeções de vida que fizeram para os filhos. O jovem é objeto das expectativas familiares, tem o rumo de suas vidas traçadas por seus pais de forma a cumprir o que a família espera para ele. Daí os constantes conflitos familiares, que se dão também pela resistência dos jovens a concretizar esses planos. É interessante considerar que o jovem, até mesmo pelo lugar que ocupa socialmente, se afirma opondo-se, fazendo do conflito um instrumento tão necessário quanto imprescindível em seu processo de tornar-se sujeito, tanto na família como no mundo social.

Nessa pesquisa pude perceber o quanto é grande o número de famílias chefiadas por mulheres na periferia, pois entre os cinco entrevistados apenas um vive com pai e mãe dentro de casa, os demais nem sequer recebem ou receberão qualquer ajuda financeira por parte do pai após a separação. Nesses casos, as mães têm que se virar sozinhas para sustentar a casa e os filhos e, para isso, precisa trabalhar fora de casa e, na maioria das vezes, não conseguem manter o controle da educação dos filhos que passam grande parte do tempo “sozinhos”, ou seja, sofrendo todo tipo de influências socializadoras do mundo da rua.

4.2 Gangues e galeras

Realizarei, nesse item, uma comparação entre gangues e galeras, tomando como referência autores empenhados na investigação desse tema. Também procurarei levar em consideração minhas observações de campo feitas em Aparecida de Goiânia, pois meu interesse é tentar compreender melhor o fenômeno das galeras desta cidade ressaltando suas especificidades. É interessante também deixar claro que não estou interessada em julgar, mas, sobretudo, em compreendê-los como processos que constituem significados relacionais entre os jovens entrevistados e a sociedade mais abrangente.

Para iniciar essa análise de gangues e galeras parto da contribuição de Alba Zaluar (2004), pelo fato desta oferecer subsídios teóricos que fundamentam esta pesquisa. Segundo ela, nos anos de 1920, em Chicago, começou-se a fazer estudos sistemáticos sobre as gangues,

que já existiam naquela cidade, dividida em territórios dominados por jovens de diferentes etnias: italianos, judeus, irlandeses, negros e outros. Daí por diante surgiram várias teorias para explicar a violência urbana entre os jovens, mas, de acordo com essa autora, a existência de gangues juvenis é algo peculiar à divisão do espaço urbano nos EUA, onde os valores culturais foram marcados pelo individualismo, que acentua a competição no mercado e na obtenção do sucesso em que prioriza a liberdade individual. Novos padrões baseados no dinheiro, no interesse pessoal, na busca do ganho e na ambição pessoal constituíam o individualismo e suas formas de conflito.

Zaluar (2004) faz uma distinção entre a realidade dos EUA e a do Brasil, ressaltando que, enquanto nos EUA surgiam as gangues juvenis nos bairros pobres das grandes cidades, no Brasil, mais precisamente na cidade do Rio de Janeiro e, mais tarde, outras cidades brasileiras, surgiram nas favelas e nos bairros populares as escolas de samba, os blocos de carnaval e os times de futebol para representá-los e expressarem a rivalidade entre eles. A autora deixa claro várias diferenças entre os dois países, uma vez que entre as gangues estadunidenses os conflitos eram manifestamente violentos e tinham um caráter mais étnico do que de vizinhança. Enquanto, no Brasil, a rivalidade, que não exclui totalmente o conflito violento, era expressa na apoteose dos desfiles e concursos carnavalescos, nas competições esportivas, atestando a importância da festa como forma de conflito e socialidade que prega a união, a comensalidade, a mistura e o festejar como antídotos da violência sempre presente, mas contida ou transcendida pela festa.

As gangues estadunidenses têm uma longa história, reconstituída por inúmeros autores. A maioria aponta para o fato de que elas são coletivos formalizados nos quais o principal objetivo é o de proporcionar ganhos econômicos e sociais a seus membros. Portanto, o objetivo principal desse tipo de organização é proporcionar-lhes, basicamente, vantagens econômicas e sociais. Segundo Spagnol (2005), com a deterioração das condições de vida das classes menos favorecidas e o retraimento do Estado nas questões sociais, os adolescentes, principalmente aqueles oriundos de classes menos privilegiadas, buscam novas formas de sobrevivência. O autor acrescenta ainda que, ao invés de rejeitarem a cultura prevalecente, as gangues aceitam os princípios dessa cultura e adaptam suas estratégias às oportunidades e aos recursos que poderiam ter. É preciso deixar claro que isso não significa que estejam empenhados em acumular lucro, mas sim uma perspectiva de ganhos, em uma situação econômica incerta, fazendo com que isso atraia um número significativo de jovens, sobretudo aqueles de famílias pobres.

Apesar das inúmeras explicações sobre a formação das gangues nos EUA e a atuação de seus membros nas comunidades, nesse fenômeno há, ainda, um imenso campo a ser pesquisado. O que procuro deixar claro é que, segundo os autores que me orientam nesta investigação, as gangues norte-americanas estão relacionadas às questões socioeconômicas. Para se manterem atuantes em meio à deterioração das condições de vida e do caos urbano em que se encontram, os jovens se unem em gangues como estratégia de sobrevivência e adaptam tais estratégias às oportunidades e aos recursos aos quais têm acesso.

Segundo Costa (2006), os grupos de jovens que possuem comportamento agressivo e violento são denominados, a partir dos anos 50, de gangue aqui no Brasil, tanto pela imprensa, pelas autoridades, pela escola e pela família, e foi a partir dessa data que começaram a ter visibilidade, inicialmente em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo e, depois, em outras regiões.

De acordo com Costa (idem), a denominação “gangue” era usada para nomear, no exterior, os grupos com comportamento tido como não-convencional e desviante das normas aceitas. A autora acrescenta, ainda, que isso chegava ao nosso país através de jornais, revistas, filmes, estudos e pesquisas. Esses jovens com comportamento agressivo e violento assustavam os pais, os professores e as autoridades brasileiras. Eles circulavam pelos bairros usando calças jeans, blusões de couro, óculos escuros, topetes emplastados com brilhantina, andavam em grupos e compravam briga com grupos rivais. Ela acrescenta ainda que eles se intitulavam membros de gangues e tomavam para si algo tido como negativo pela sociedade, mas que apesar de tudo isso sempre existiu um componente questionador, inovador e altamente inventivo em muitos desses grupos. Frequentemente estiveram em sintonia com os novos tempos e apontaram caminhos alternativos, não só para a própria juventude, mas, sobretudo, para nossa cultura e sociedade. No início, as pessoas e, inclusive, a própria sociedade, não conseguiram perceber essas inovações, essa nova constituição social. É diante desse contexto que Costa (2006, p. 18-19) afirma: “essas supostas gangues podiam ser o anúncio dos novos tempos que estavam por vir no cenário urbano de nosso país”.

Foram taxados, no Brasil, de membros de gangues por uma parte da sociedade, alguns desses grupos de jovens que ostentavam a adoção de um comportamento, de roupas, atitudes e gosto musical tidos como diferentes. Por outro lado, alguns estudiosos do assunto passaram a conceituar essa multiplicidade cultural de comportamentos, experiências e atitudes juvenis como “culturas juvenis”.

Diógenes (1998, p. 104) define, de forma resumida, as fronteiras que limitam gangues e galeras, pois a presença de movimentos culturais que têm a dança, a música, o

esporte ou as artes gráficas como campo de manifestações mais marcante são denominados “galeras”. Já os grupos que se expressam de forma mais restrita, através de práticas coletivas de violência, são identificados pela autora como “ganguês”. Desse modo, aqueles grupos de jovens que se organizam para ir às festas, aos clubes, que compartilham músicas e drogas, são galeras; aqueles que têm um objetivo explicitado entre seus membros para o roubo, para as brigas, depredação ou destruição de bens e equipamentos públicos ou particulares podem ser classificados como “ganguê”. No entanto, os jovens entrevistados não identificam seus grupos de pertencimento como gangues, mesmo que se enquadrem na definição de Diógenes (1998), referindo a eles apenas como galera, mesmo que estejam diretamente ligados às práticas de violência. Acredito que esse fato se dá, sobretudo, pela falta de conhecimento que possuem do termo, uma vez que pouco se preocupam com nomenclaturas e estão mais ligados aos atos em si. Quando indagados sobre se o seu grupo é ou era uma gangue, eles logo negam, “Não, era uma galera porque era só umas vinte pessoas e acho que gangue tem que ter mais gente, né?” (Wilian, 21 anos). Percebe-se que, na concepção desse jovem, a negação da nomenclatura gangue, não está ligada às práticas, mas sim ao número de integrantes.

Acho interessante ressaltar também que, apesar de reconhecerem as práticas de atos ilegais e violentos por parte de alguns grupos ao qual pertencem alguns entrevistados, preferem utilizar o termo grupo ou galera para focar as diversas formas de culturas juvenis que são abordadas aqui.

Nesse outro relato de Wilian (21 anos) fica clara a presença de atos relacionados às práticas de violência e, ao mesmo tempo, a negação ao uso do termo gangue para definir seu grupo. É evidente o fato de que muitas vezes o que se atribui ao outro não corresponde ao que ele atribui a si mesmo:

Só já participei de galera mesmo, só o povo que saía mesmo pra rua, pra farra mesmo. Era uns 20 mais ou menos. Nós marcava pra encontrar num lugar e ia pra rua só pra bagunçar, caçar briga com os outros, mais hoje eu ando é sozinho. Naquela época eu fazia porque todo mundo fazia também, né, fazia arrastão, ia pras festas só pra brigar com os outros, ia pros bar e tomava cachaça.

Quando a gente juntava o que a gente mais gostava de fazer era bagunçar, pegava ônibus e subia pra cima do ônibus no rabeirão, fazia vandalismo, na hora que a gente tá fazendo é bom demais, depois a gente voltava pra casa e marcava pra no outro dia fazer a mesma coisa. A gente gostava de quebrar orelhão, ia pro shopping fazer bagunça, a gente brigava lá dentro com outras galeras. A gente sai daqui, aí lá encontra uns cara lá de outra turma pra brigar. Ah, eu tinha 15, 16 anos e os outros também tinha a mesma idade.

Percebe-se, pelo fragmento, que pertencer a um grupo é, para o jovem, uma forma de diversão e garantia de lazer, um meio de organizar a vida e de poder sobreviver em uma

sociedade, em um sistema que não dá nenhuma garantia para grande parte dos jovens que vivem excluídos nas periferias. Assim, participar de um grupo é uma forma de fazer amigos e compartilhar com eles interesses comuns como ir às festas e se divertir. Vilmar (16 anos), outro jovem entrevistado, reforça essa idéia:

A gente procura fazer coisas divertidas pra todo mundo, brincar um com o outro de porrada. Machuca mas faz parte de uma coisa legal que a gente gosta, é uma coisa divertida, não tem uma pessoa principalmente homem que não goste de uma briga, quem não gosta de ver um apanhando e um ganhando, até alegre mais o jeito da gente ser, por exemplo, quando a gente ganha, ou quando tá batendo com a galera, a gente sente aquela firmeza de amizade, entendeu?

Parece que estar em grupo é uma forma de segurança, à medida que as brigas são constantes e se você não bate, apanha. Por isso o grupo funciona, também, como uma forma de proteção.

Nessa pesquisa, reforço mais uma vez a idéia de que não pude constatar, entre os entrevistados, indícios de jovens organizados em gangues, tal como esse fenômeno é definido pelos pesquisadores, uma vez que estes autores identificam como sua principal característica a ascensão social. Apesar de existirem práticas coletivas de violência e até mesmo delimitação de território entre esses grupos de jovens, não se percebe nenhuma ligação com o enriquecimento, mas sim, práticas de violência que são motivadas principalmente pelo prazer, pela diversão. Seria um tipo de comportamento identificado por eles como uma forma de “curtir a vida” e que, segundo os mesmos, faz parte da vida dos jovens, principalmente durante a adolescência. É o que afirma Wilian (21 anos) nesse trecho de sua entrevista:

Uma vez a gente marcou daqui pra ir lá pro flamboyant, era umas 100 pessoas, nós foi lá, chegou lá encontrou com os cara do outro setor lá do Bairro Feliz, aí começou brigar lá dentro. Nós num tinha contato com eles não, nós encontro e começou brigar, se num gostou da pessoa começava a caçar briga. Aí todo mundo brigava, num ficava ninguém de fora não, os seguranças num dava conta de afastar nós não, era muita gente e a galera deles também era grande demais, só quando a policia chegava que nós corria. Era bom correr risco, num tinha medo de nada não eu queria era curtir a vida, curtir a vida de adolescente.

É importante notar que as brigas aparecem entre as galeras como resultado do encontro entre esses grupos. As rixas entre elas representam algo mais, ocupando lugar central em sua existência e na lógica de sua organização, pois muitas se estruturam apenas para brigar. É como se as brigas fossem algo gratuito, ocorrendo como parte de seus rituais. Em muitos casos se percebe que a violência entre esses jovens não se coloca como meio, uma vez

que não tem uma finalidade estritamente instrumental, a violência é por si só o acontecimento, expressivo e sem objetivo.

Em diversos momentos da pesquisa pude constatar que os jovens se sentiam eufóricos ao relatarem os detalhes de atos violentos por eles praticados, às vezes era como se tivessem cometido atos heróicos, principalmente quando se referem à aceitação por parte dos outros, pois é através desses atos que eles se reafirmam diante dos outros. De acordo com Spagnol (2005), os jovens investem nos riscos e, ao mesmo tempo, refletem, paralelamente, sobre sua existência. Em muitos casos esse investimento é contra outros jovens que possuem uma imagem diferente deles, ou seja, o que ele busca é o que o outro é ou o que o outro tem.

Também se percebe que os jovens envolvidos em atos violentos agem segundo a expectativa do momento, não há uma pré-elaboração de planos ou uma hierarquia rígida:

Eu já fiz coisas sozinho, tipo roubar, mais a maioria era quando tava com os meninos. A gente ia mais era em firma, quando não tinha ninguém dentro da firma a gente entrava pra pegar os trem. E entrar na casa também. A gente fazia isso por fazer mesmo, só pra bagunçar, na hora era bom, mas depois gastava o dinheiro todim e ficava liso de novo, aí ia e fazia de novo. O dinheiro a gente bebia ele todo, era só pra farra mesmo. (Wilian, 21 anos)

Eles cometem pequenos crimes, como roubar pessoas na rua, roubar empresas, e é interessante que muitas vezes esses atos exercem uma atração independente do ganho material, já que muitas vezes não é o valor da mercadoria que justifica o roubo, mas sim o prazer de fazê-lo. É semelhante ao que ocorre com o vandalismo e as depredações, ações que não satisfazem pelo desejo de aquisição, mas, sobretudo, pelo desejo de praticá-las. Para eles, praticar o ato é o que importa. Spagnol (2005) divide a emoção desses atos em três momentos basicamente: primeiro, esse tipo de ação gera a experiência de ser seduzido pelo ato ilegal, ilícito, o que torna o sujeito pertencente a um meio, isto é, a algum meio, uma vez que não se pertence a nenhum; segundo, provoca a reconquista das emoções, o que o torna normal; e, por último, a apreciação do significado reverbera uma emoção de euforia.

Na cidade de Aparecida de Goiânia, não são raros os casos de violência que tem jovens como protagonistas, o que torna a situação pior é que muitos dos motivos alegados para esses fatos são, na maior parte das vezes, os mais fúteis possíveis: invasão de território, olhar atravessado etc.

Novamente recorro à Zaluar (2004), que trata mais especificamente do caso do Rio de Janeiro. Para a autora, a lógica da guerra provocada pelas pequenas feridas no orgulho é a base para a formação da galera, uma vez que junta os jovens de um mesmo bairro para atividades recreativas. Percebo que, assim como as galeras cariocas, as galeras de Aparecida

de Goiânia não são organizações com chefias instituídas, regras explícitas e com relação estreita com os bairros em que vivem. Outro fator de suma importância para diferenciar a galera aparecidense das gangues é que esses grupos não estão preocupados em promover o enriquecimento de seus membros através de práticas ilícitas. Essas galeras, mesmo quando cometem pequenas infrações como furto ou roubo, nada muito organizado, o fazem com muita emoção, de acordo com os relatos. Nesse sentido, embora possam ser comparadas, muitas vezes, às gangues de rua norte-americanas, estão longe de atingir o nível de organização e estruturação daquelas.

Nas entrevistas também percebi que dentro das galeras existe uma liberação exagerada das emoções. Parece ser um estilo novo de jovens que se impõe no cotidiano das cidades, com certos valores que os impelem à ação. Pelo que observei, seu principal objetivo é a busca desenfreada do prazer e não o dinheiro como somos muitas vezes levados a pensar. Portanto, é fato que dentro desses grupos há valores internalizados entre os jovens, que se opõem aos da família e, freqüentemente, competem com ela. Para as famílias, esses grupos são uma agência de socialização de seus filhos, que os encaminha para a violência e, até mesmo, para a morte prematura. Entre os entrevistados é extremamente comum as referências a atos cometidos ou a comportamentos adquiridos por pura influência do grupo, “porque os amigos chamam” ou “porque todos fazem” e eles nunca querem ficar de fora, uma vez que temem serem excluídos pelo grupo:

Quando sai pra show, sai todo mundo de boa, vai curtindo, quando chega lá, se um entrar numa briga daí todo mundo tem que entrá no meio da briga. Se você não quiser entrar depois eles vão querer bater em você, vão te encher o saco, vão te excluir das festas, ninguém vai querer andar com você. A gente se reúne pra vários eventos, pra ir pro barzinho, pra assistir jogo na televisão... (Bruno, 22 anos)

Na entrevista de Júlio se percebe o quanto o tráfico de drogas exerce atração ilusória sobre uma parte dos adolescentes e jovens da periferia. Na fala dele fica claro o fascínio pelo poder, pelo desejo de dominar, de impor sua vontade ao outro, fatores de grande relevância para eles. É importante levar em consideração a dinâmica emocional que envolve o crime em si e, também, as próprias definições e frustrações que o jovem apresenta. No caso de Júlio (23 anos), ele relata o arrependimento:

Eu já me arrependi muitas vezes de ter entrado, mas é um caminho sem volta, se eu tivesse parado pra pensar bem mesmo, num tava passando por isso hoje. Por em risco a vida do meu filho e da minha esposa. Agora sair num tem como mais, se eu falar vou sair, eles chega aqui e mata todo mundo, eles num vão me matar na frente dela e deixar ela de testemunha. Na

época que eu entrei tava com a cabeça virada, grilado com o mundo, achando que todo mundo me humilhava, aí eu recebi o convite e aceitei. O cara lá do Setor Pedro me chamou, aí o cara perguntou pra mim e eu aceitei. O sentinela daqui tá pagando R\$ 45.000,00 pra sair do Sepaigo, ele foi pego com duas metralhadoras e um pouco de droga, ele ia pegar 26 anos de cadeia, mas aí ele vai pagar e pegar só 3 anos. O comando que vai pagar, porque quando você é pego trabalhando pro comando eles ajuda pagar.

Na fala dele percebe-se, também, uma nova face do tráfico de drogas das grandes cidades, inclusive de Goiânia, em que os traficantes, mesmo presos, comandam tudo de dentro dos presídios. Além disso, há, ainda, a corrupção do Sistema de Segurança, da qual tratarei também neste trabalho.

Concluí, por fim, que os jovens que estão reunidos em galeras são principalmente os homens jovens, negros, pardos e braços pobres e que muitas vezes possuem várias repetências que os levaram a deixar a escola e não lhe permitiram adquirir o nível educacional necessário para ingressar no mercado de trabalho de economia globalizada, cada dia mais exigente e seletivo. Nesse sentido, a violência entre os jovens parece ser uma forma de escapar de um estado insuportável de desigualdades, de pobreza e de falta de reconhecimento social experimentados por muitos jovens das periferias.

CAPÍTULO 5

OUTRAS INSTITUIÇÕES

A vida de muitos homens é preenchida por tais operações, como taxar, estimar, calcular e reduzir valores qualitativos a valores quantitativos. Isso contribui para o caráter racional e calculador da época moderna em contraposição às épocas anteriores, que tinham um caráter mais impulsivo, mais emocional, mais dirigido ao todo.

Simmel

5.1 Escola

Segundo vários autores, a escola enquanto instituição socializadora fracassou. Para Zaluar (ano?), ela fracassou tanto como instituição socializadora quanto como transmissora de conhecimento. A autora afirma isso baseada no fato de que a evasão escolar só tem aumentado nos últimos anos, principalmente nas classes menos favorecidas. Acrescenta-se, ainda, o desinteresse pela escola entre esses jovens, até mesmo por aqueles que ainda freqüentam essa instituição, conforme constatado nesta pesquisa, que procurou abordar um pouco da relação que estes jovens possuem com a instituição escolar.

A tabela a seguir apresenta uma idéia geral do problema abordado:

Tabela 1: Vida Escolar

Nome	Idade	Estuda	Sempre estudou em Escola pública	Possui defasagem escolar	Já repetiu de série	Escolaridade dos pais	Possui Ensino Fundamental Completo	Possui Ensino Médio Completo
Bruno	22	Sim	Sim	Sim	Sim	Mãe: Ensino Médio Completo	Sim	Não
Maurício	22	Não	Sim	Sim	Sim	Mãe Ensino Médio completo	Sim	Sim
Vilmar	16	Sim	Sim	Sim	Sim	Não soube responder	Não	Não
Wilian	21	Não	Sim	Sim	Sim	Não soube responder	Sim	Não
Júlio	23	Não	Sim	Sim	Sim	Mãe: Ensino M. completo	Não	Não

Como se percebe, apenas dois entre os cinco jovens entrevistados frequentam a escola. Bruno (22 anos) cursa a 1ª série do Ensino Médio, iniciada várias vezes, mas jamais concluída, pois sempre desiste antes do final do ano. O motivo apontado por ele para tal se resume ao fato de a escola se apresentar como pouco atrativa em relação aos lazeres que a rua oferece, que ele considerou como sendo mais importante e prazeroso naquele momento de sua vida. Ele explica porque desistia da escola antes de concluir o ano:

Uma vez eu parei pra mim viajar, viajei fiquei fora de Goiânia, fiquei de 3 a 5 meses em São Paulo, depois retornei pra Goiânia de novo, aí parei de estudar de novo, primeiro foi na época que eu comecei a namorar, aí era mais porque os meninos dizia: “Ah, vamos viajar pro jogo do Goiás em tal lugar”. Aí eu falei: “Então eu vou parar de estudar. Então vamos viajar, né?” Aí nós ficava viajando. A escola ficava sempre em segundo plano. Mas até que botei a cabeça no lugar e agora escola é em primeiro plano. Jogo, só de vez em quando. Quando dá vontade assim de ir num jogo, mas escola em primeiro plano em tudo, até mesmo pra depois cursar uma faculdade. Quero fazer faculdade pra Educação Física.

Nessa fala, Bruno deixa claro que as motivações que o levavam a deixar a escola era as mais banais possíveis, relacionadas ao lazer, algo que muitas vezes jovens como ele não encontram no ambiente escolar. Em alguns casos, percebe-se que eles gostam da escola, mas não gostam de estudar. No bairro de periferia em que vivem não existe um espaço destinado ao lazer para a imensa juventude que ali se encontra. Nesse caso, eles fazem da escola um dos poucos espaços de encontro dos amigos, das paqueras, entre outras coisas. Outro espaço pouco comum, mas que nos bairros de periferia aqui pesquisados serve como importante ponto de encontro e lazer dos jovens, são as feiras comunitárias que acontecem no domingo pela manhã e na quarta-feira à noite. É justamente nessas noites que a ausência de alunos do período noturno é bastante significativa. Na ausência de espaço de lazer nesses bairros, as feiras nas periferias de Aparecida de Goiânia, além de propiciarem aos moradores um espaço de compras de verduras, frutas, legumes, comidas e outros tipos de necessidades, funcionam, para esses jovens, como um importante espaço de sociabilidade, encontro e manifestações, que se resumem, muitas vezes, em manifestações de violência.

Observa-se, também, que assim como aconteceu com Bruno, a evasão escolar se dá, na maior parte das vezes, dá por motivos banais. No entanto, o entrevistado afirma que essa fase acabou e que agora a escola será levada a sério, fazendo até mesmo planos para o futuro, já que para se tornar um professor de Educação Física, como ele diz pretender, precisa da escola. A mudança de comportamento do jovem se dá, segundo ele, principalmente pelo fato de que brevemente será pai e pretende dar um futuro melhor para esse filho que está prestes a nascer.

Quando Bruno diz que considera a escola como algo importante justifica o motivo: “porque pode ajudar mais pra frente arrumar um bom emprego, a crescer na vida, influenciar no mercado de trabalho em todas as maneiras”. A opinião dele não se distingue da dos demais no que diz respeito a esse aspecto, pois se percebe que para esses jovens a educação significa apenas um meio para conseguir um trabalho melhor. É o que Zaluar explica, baseada em sua pesquisa sobre educação realizada no Rio de Janeiro, na qual constata que as imagens da educação identificadas entre as camadas pobres da população são ainda as de um proletariado urbano, que está preocupado com a inserção no processo produtivo de produção e que alimenta alguma expectativa de ascensão social por meio da educação. Esta, na atual economia globalizada, se baseia na informação e na rapidez de comunicação por meio da informática, o que exige conhecimento técnico altamente especializado (ZALUAR, 2004). Daí advém, talvez, um dos motivos do desinteresse do jovem para com a escola e a facilidade com que desiste dos estudos.

Um outro aspecto importante abordado por Bruno (22 anos) em relação à escola é a questão da falta de segurança nas escolas públicas:

Acho que deveria ter mais segurança dentro da escola, entra Deus e todo mundo dentro dela. Por isso que tem hora que a gente fica meio cismado. Porque a gente vê muita história tipo: “Fulano entrou na escola e deu tiro num aluno”, “Ah, fulano entrou e matou o professor”. Aí você fica meio assim, cismado, vai que uma hora alguém dá um tiro lá e esse tiro bate em você? Aqui mesmo no colégio tinha que ter uns policiais lá dentro. Igual quando eu estudava lá no centro tinha 2 policiais que ficava lá dentro. Aqui neguim pula pelo muro e entra dentro do colégio, sendo que a gente nunca nem viu esse cidadão e ele tá lá. Eu que brigo muito nesse negócio de torcida, eu tenho medo porque o cara pode descobrir onde a gente estuda e vim cá. Junta 4 ou 5 armado, pega a gente na hora da saída e dá os tiros.

Outro fato importante que merece ser levado em consideração é a falta de segurança nas escolas públicas das periferias, fato este que tem levado muitos jovens envolvidos em conflitos a desistirem de frequentá-la, pois temem que os conflitos de fora sejam resolvidos dentro da escola, como muitas vezes a mídia tem mostrado.

Nesse relato fica clara a falta de segurança percebida por esse jovem no que diz respeito à escola pública, pois não são raras as vezes em que pessoas, em sua maioria estranhas à escola, entram para resolver algum tipo de conflito que ficou pendente na rua. Devido à realidade de quase extremo sucateamento das escolas de periferia, tanto em seu aspecto físico quanto humano, e, principalmente no que se refere à segurança da escola, esta se tornou um alvo fácil para esse tipo de resolução de conflitos. Quando Bruno diz sentir medo, muitas vezes, dentro da escola, pela facilidade com que pessoas estranhas entram ali, é

também pela existência de tantas histórias de alunos e funcionários que são agredidos e, até mesmo, assassinados nesses locais.

Bruno participa, ainda, de uma torcida organizada e está constantemente envolvido em confusões em decorrência desse grupo, por isso teme que a falta de segurança possibilite uma possível vingança, ou algo parecido, dentro da escola. Já foi constatado, em alguns estudos sobre esse assunto, que a violência urbana é um dos fatores que mais tem afastado jovens da escola. O uso de armas de fogo dentro dos prédios escolares tem muitas vezes desencadeado na morte de estudantes. Tudo isso tem provocado profundas mudanças na escola, pois tem prejudicado o rendimento escolar e até mesmo resultado em faltas frequentes.

Nos últimos anos tem sido comum o problema da violência nas escolas, manifestada na forma de depredações contra os prédios, invasões e ameaças a alunos e professores. Aparecida de Goiânia é um bom exemplo de insegurança e a escola não fica fora disso. Diretores, professores, pais e alunos buscam melhores condições de funcionamento das unidades escolares. Em busca da diminuição desses problemas, são tomadas medidas como policiamento nas áreas externas, muros altos, iluminação nas áreas externas e pátios, grades, portões altos, entre outros.

Maurício (22 anos) está afastado da escola, já que este é o único entre os entrevistados que terminou o Ensino Médio e parece não ter expectativas em relação à continuação dos estudos. Ao se referir às expectativas de futuro, demonstra o desejo de poder voltar para a França, país onde passou dois meses. Afirma que hoje se arrepende de ter voltado e gostaria de poder ter outra oportunidade de regressar a esse país.

Quando questionado sobre a importância da escola, apresenta um enfoque diferente, pois a aponta como importante por se contrapor à rua. Segundo ele, “o jovem tando na escola ele tá mais distante desse mundo violento que tá hoje. Porque hoje tá violento demais. Acho que a escola também é importante porque tira os jovens da rua”. Aqui na fala dele, a rua se apresenta como um espaço de perigo e ameaça à segurança do jovem, pois a violência é manifestada em contraste com o ambiente escolar, que aparece como um espaço de refúgio nesse mundo de perigos constantes.

Como já foi dito, o desinteresse pela escola é algo muito comum entre alguns deles, o que fica bastante evidenciado na fala de Wilian (21 anos):

Eu sei que só numa série só eu repeti umas 5 vezes, num sei se foi na quarta ou na quinta. Eu não gostava de estudar, ia no colégio só pra bater nos professores, eu era atentado demais na escola, até hoje. Eu não gostava de ficar dentro da sala de aula, eu ia sair e eles segurava a gente, puxava a orelha da gente e eu num gostava e sentava as bicudas nos professor e saía

correndo pra fora da sala e ia embora pra casa, nunca gostei de estudar não. Eu sei que a gente precisa do estudo pra ser alguma coisa na vida, mas eu não dei certo mesmo com escola. Escola num é pra mim não. Mas sem estudo hoje em dia você num é nada. Eu não gosto de fazer nada.

A recusa à escola muitas vezes aparece muito cedo, como se percebe no caso de Wilian, que já nos primeiros anos na instituição demonstrava rejeição às regras advindas do ambiente escolar. Muitas vezes esse sentimento se arrasta por quase toda a vida, pois mesmo aos 21 anos de idade afirma que “escola num é pra mim não” e diz não pretender voltar a estudar, mesmo reconhecendo a importância que esta tem na vida das pessoas. Ao ressaltar que “sem estudo hoje em dia você num é nada”, admite o valor que os estudos possuem na vida de um jovem que deseja conseguir um bom trabalho. Seu desinteresse retrata seu atraso escolar, já que aos 21 anos parou na 1ª série do Ensino Médio, tendo ali chegado devido a um programa do governo de aceleração de jovens em defasagem escolar, que tem como objetivo lançar esses jovens “atrasados” para séries mais adiantadas. Percebe-se que muitas vezes esse tipo de programa não tem alcançado seu objetivo, já que muitos desses jovens não conseguem acompanhar a turma e acabam desistindo. Acredito que este possa ser o caso de Wilian e que também possa vir a ser um dos motivos que o levaram a não gostar do ambiente escolar.

Nesse tipo de programa do governo, mais do que no ensino convencional, não existe uma preocupação com a qualidade do ensino, e sim uma preocupação em “jogar” esse aluno para frente. Como se não bastasse a quantidade de jovens analfabetos no país, somam-se a eles uma alta taxa de analfabetos funcionais cujo número se desconhece.

Vilmar (16 anos) é outro dos jovens entrevistados que está na escola. Teve muitos problemas familiares e, devido a eles, teve que mudar muitas vezes não somente de escola, mas também de grupo doméstico. Atualmente, a escola é seu espaço de lazer e diversão, onde está concentrada a maioria de seus amigos e onde os encontra e paquera as meninas. Seu depoimento é dramático, pois revela a carência afetiva que possui e que supre na escola:

o meu primo, ele quer que eu comece a trabalhar e saia do colégio, assim trabalhe durante o dia e estuda à noite e eu não quero porque quando eu era menino eu não tinha amigo, não tinha assim gente pra mim sair, fazer trabalho na casa de amigo meu, ficava o tempo todo em casa, se saísse apanhava, mas eu sempre saía escondido aí sempre levava uma surra quando eu chegava, nunca tive essa liberdade, assim de amizade, de ir na casa de um amigo e brincar até umas cinco horas, entendeu, mas agora eu tenho e não quero largar isso agora. Quero pelo menos chegar aos meus 18 anos, como eu tô agora, eu já tô começando a entender o que eles tão querendo passar pra mim, mas eu quero curtir mais, porque se eu sair do colégio agora de tarde eu não vou poder fazer isso de dia, porque vou tá trabalhando, não vou poder ver meus amigos. Meus amigos a maior parte deles estão aqui no colégio, nas ruas onde eu

passo. Lá eu não conhecia ninguém, quando eu cheguei aqui eu conheci muita gente, faz mais ou menos uns 6 anos que estou aqui e já fiz muitas amizades. (Vilmar, 16 anos)

Apesar da pressão que sofre do primo para que comece a trabalhar, pois este se encontra na posição de pai por garantir o sustento da casa, Vilmar não abdica de sua opinião, uma vez que deixar a escola à tarde para estudar à noite significaria não ter mais tempo para se dedicar aos amigos e ao lazer, considerados mais importantes. O entrevistado, que em sua vida inteira foi privado disso, reivindica o direito de trabalhar somente após os 18 anos:

Desde o tempo que eu vim morar pra cá sim, a escola tem sido muito importante pra mim, já ouvi muitas pessoas me falando pra eu sair do colégio ou então passar pra noite pra poder trabalhar, mas eu não abro mão do colégio não, acho que ele vai me ajudar futuramente, tento me esforçar um máximo quando eu tô dentro da sala, difícil era ficar dentro da sala, mas esse ano eu tô procurando ficar sempre dentro da sala e não faltar, esse ano eu tô querendo aprender pra ter uma nota melhor.

Vilmar, além do lazer que encontra na escola, a vê como a única forma de futuramente obter um trabalho melhor, por isso afirma estar começando a levar a escola mais a sério. Nas escolas de periferia é comum encontrar jovens que adoram a escola, mas que, no entanto, não gostam de estudar, e fazem dela, na ausência de locais destinados somente ao lazer nesses bairros, um dos principais pontos de encontro.

Júlio (23 anos) está atualmente afastado da escola, parou de estudar na 5ª série do ensino fundamental e, depois disso, já chegou muitas vezes a fazer a matrícula, mas ainda no início do ano, mais precisamente nos primeiros dias, desiste. Tem como profissão o tráfico de drogas, difícil de conciliar com os estudos, de acordo com ele, pois esse trabalho requer muito tempo e dedicação, “não tem hora para começar, nem para terminar”:

Na quinta série eu parei de estudar 5 anos seguido, depois desses cinco anos eu vou, faço a matrícula e vou no máximo 5 dias, aí eu me canso e num vou mais. Tem dia aqui mesmo que eu passo a noite todinha acordado, vou ali na porta entrego e volto, na hora que eu deito o telefone já toca de novo. Quando eu tô na sala de aula, aí o telefone começa tocar, mesmo eu colocando no silencioso eu tenho que atender. Esses dias, o primeiro dia que eu fui pra escola, da hora que eu entrei até na hora do recreio, tinha 38 chamadas não atendidas, aí como que eu fico na sala desse jeito.

A realidade de Júlio é, infelizmente, a realidade de vários jovens brasileiros que são atraídos pelo tráfico de drogas. Ele é o mais velho entre os entrevistados e o mais “atrasado” no que diz respeito aos anos de escolaridade. Esse tipo de atividade deixa, de certo modo, o

jovem aprisionado, sem opção de vida, pois para conseguir o dinheiro deve se dispor totalmente ao exercício desse comércio que lhes impõe vários riscos.

Olha, eu parei de estudar mesmo em 2000, depois quase todo ano eu fazia matrícula, ia uns 2 dias no colégio, depois num ia mais. Num dá tempo né, o tempo que você tá na escola seu telefone toca, aí como que você vai sair pra entregar, eu num vou mandar a pessoa ir na porta do colégio, porque eu penso assim, se eu vou pro colégio eu vou pra aprender, se eu vou pra aprender outras pessoas também vai. Então se é pra mim ir e ficar levantando toda hora, eu prefiro ficar em casa.

Olha, eu gostar de estudar eu gosto, sabe a melhor nota que tinha na sala de inglês era a minha, só que eu não consigo chegar ate o final do ano, as melhor nota da sala fica sendo as minhas, mas eu não consigo. Eu num sei o quê que acontece, mas eu parece que enjoei assim de escola. Porque eu fico olhando todo mundo estudando, estudando, tendo o maior trabalho. Eu admiro o pessoal que vai pra escola todo dia, todo dia, mas hoje eu num tenho mais essa paciência de fazer isso. Porque hoje eu ando muito estopim curto já quase explodindo, aí se eu vou pra escola e fica aquela barulheira no meu ouvido eu posso acabar xingando alguém, magoando algum. (Júlio, 23 anos)

Percebo que a questão da violência urbana entre os jovens pode estar relacionada com a crise pela qual passa a escola pública desse país, principal meio de escolarização da população pobre. Percebe-se claramente nos relatos desses jovens a ausência da importância da escola na internalização de hábitos e atitudes fundamentais para a convivência social, pois a associam apenas como um meio para conseguir uma boa remuneração na vida, através de um bom trabalho, “ser alguém na vida”. Assim, a educação passa a ser vista por eles somente como um meio de conseguir um melhor trabalho.

De acordo com a análise de Frigotto (2006), a escola enquanto instituição central do projeto societário da burguesia nascente era concebida por excelência como uma instituição social e cultural de produção do conhecimento e de valores e, também, como espaço para o desenvolvimento lúdico estético e artístico, tanto para crianças quanto para jovens. A origem etimológica da palavra “escola” é grega e indica “lugar de ócio”. Seria, portanto, um espaço onde crianças e jovens vivem um longo tempo incorporando valores e conhecimentos. No entanto, a história nos mostra que esse modelo de escola nunca foi para todos. Além disso, a escola da classe trabalhadora, segundo vários estudos, sempre foi voltada para a disciplina e para o trabalho precoce.

É interessante ressaltar que entre os entrevistados todos possuem certa defasagem escolar, já repetiram de série alguma vez na vida e todos, com exceção de Vilmar, talvez pelo fato de não morar nem com a mãe (morta pelo pai), nem com o pai, são incentivados pela família a dar um maior valor aos estudos.

Outro aspecto importante e que merece ser ressaltado é o fato de nenhum dos entrevistados apresentarem críticas à escola no que se refere à qualidade do ensino nas instituições públicas de ensino, o que demonstra a incapacidade de perceber esse imenso problema.

Portanto, a escola precisa ser tida como um espaço ordenado que assegure a confiança e a segurança do jovem, bem como cumprir a função de difundir os conhecimentos essenciais à formação do cidadão e do trabalhador, já que estes só podem ser adquiridos através dela. Porém, também é importante deixar claro que o papel da família não pode ser ignorado nesse processo.

5.2 Trabalho

Esta pesquisa procurou realizar uma breve análise da relação do jovem com o mundo do trabalho, uma vez que acredito que a categoria trabalho é de suma importância. A preocupação em não deixar de lado essa categoria de análise se dá, sobretudo, pela preocupação em buscar situar o jovem diante das diferentes dimensões da vida em nossa sociedade contemporânea. Acredito que temas como família, escola, trabalho e outros, têm como referência as transformações do mundo globalizado e acarretam diversas conseqüências para a juventude de uma forma geral.

Ao abordar esse assunto, pensei ser necessário deixar claro que estou fazendo um recorte de classe, já que todo esse trabalho se resume em uma análise de jovens de classe pobre. Ao trabalhar um tema como juventude se acredita que esta não é uma categoria homogênea de análise, mas sim, uma que representa uma rica diversidade. Por isso, como já relatei antes, vários estudiosos do assunto preferem utilizar o termo “juventudes” ao invés de “juventude”.

De acordo com a análise de Bajoit e Frassen (1997), o modelo cultural de sociedade industrial se caracteriza pela centralidade da ética do trabalho. Para os autores, o trabalho é considerado, na ética tradicional, como um dever moral e social. É através de sua participação no processo de produção que o indivíduo pode almejar uma auto-realização, tanto no plano da satisfação pessoal quanto do status social.

É nesse sentido que buscarei analisar como as transformações que remetem às formas de desagregação do modelo cultural do trabalho e à emergência de novas orientações

com relação ao trabalho são percebidas, representadas e vividas por esses jovens entrevistados da periferia de Aparecida de Goiânia.

Hoje, diante das profundas mudanças que se colocam no mundo do trabalho, em que são acentuadas as dificuldades de inserção e de permanência no mercado de trabalho para amplas parcelas de trabalhadores, a situação se agrava ainda mais quando se trata dos jovens.

Para Heloísa Martins (1997, p. 99),

as mudanças introduzidas tanto na organização do processo de trabalho, quanto no conteúdo do trabalho, ou seja, na natureza das atividades, nas exigências de qualificação ou requalificação profissional, e que parecem configurar um novo tipo de trabalho e de trabalhador, se já provocam situações difíceis para os trabalhadores adultos, no caso dos jovens elas ganham certa dramaticidade.

É o que constata as várias pesquisas sobre a taxa de desemprego, nas quais se conclui que ele é sempre maior entre os jovens, principalmente os menores de 25 anos.

As discussões sobre as dificuldades de acesso do jovem ao mercado de trabalho e ao emprego têm sido levantadas por vários autores. Martins (1997) aponta, ainda, alguns fatores que constituem essa dificuldade, pois existe entre os jovens uma forte insatisfação no que diz respeito às perspectivas de futuro profissional, no que se refere à diminuição das oportunidades de emprego, principalmente em decorrência da introdução de novas tecnologias e com as exigências de maior qualificação e experiência.

Ainda segundo a autora, existe uma significativa mobilidade ocupacional dos jovens, com a circulação por diversas situações de trabalho que envolvem formação, aprendizagem, precário, temporário, em tempo parcial etc., bem como o emprego: desemprego, inatividade, emprego. Martins (idem, p. 100) acrescenta ainda que a precarização do trabalho juvenil seria acompanhada pela periferização dos jovens em torno do mercado de trabalho secundário, tanto em consequência de sua fraca especialização/qualificação, que os orientaria para o trabalho nos setores periféricos, quanto por uma preferência pelo trabalho “intermitente” antes de buscarem estabilidade e de assumirem maiores responsabilidades.

Existe também um número significativo de jovens que, devido às más condições de trabalho e de vida, acabam sendo atraídos para o mercado ilegal do tráfico de drogas. É o caso do jovem entrevistado Júlio, que aos 20 anos deixou seu trabalho regular de carteira assinada para fazer parte de um grupo de facção criminosa sediada em São Paulo (PCC - Principal Comando da Capital).

Aí você trabalha o mês todim, ali seguido, todo dia, todo dia, com uma folga por mês e trabalhar no horário que eu trabalhava. Eu ficava lá das duas até a meia noite, tinha dia que eu ficava da meia noite até as sete da manhã, aí eu fui cansando desse negócio, eu ficava morrendo de trabalhar aí, e no final do mês só vinha aquela mixaria. Agora não, é ruim o que eu faço, mas eu pego 50g e passo R\$ 400,00 pro cara e fico com R\$ 600,00 ou R\$ 700,00, tem vez que faço mais de mil, porque 50g num dá nem 3 dias. E o pessoal paga, né, porque se num pagar já sabe como é que é. Eu mesmo já falo, chegou na minha porta ou então me ligou, pediu fiado eu já falo logo, “Não vendo! Porque se eu te vender fiado, como é que eu vou lá na tua casa pegar de volta, sendo que você já consumiu, aí tem que dá meu jeito”. Pode chegar até amigo aí, pedindo fiado, eu não vendo, às vezes eu prefiro dá logo. (Júlio, 23 anos)

Assim, percebe-se que a experiência de trabalho e de vida desses jovens faz com que eles elaborem uma imagem negativa do trabalho:

Olha, você se mata de trabalhar aí pra num ter nada, olha eu aqui se fosse trabalhar o mês todim pra ganhar um salário, eu pago R\$ 160,00 de aluguel, tem a despesa de casa, fralda dele, que é de duas em duas semanas, porque eu compro sempre aquele pacotão de 32 fraldas, aí vem roupa pra mim, roupa pra ela, roupa pra ele, porque eu tenho que comprar mais roupa ainda pra porque ele tá crescendo. Aí como que você vai pagar energia, água, aluguel, despesa de casa, essas coisas tudim com um salário? Então você pensa tô trabalhando o dia todim pra num ganhar na da de dinheiro, então vou dar um jeito de ganhar mais dinheiro. (Júlio, 23 anos)

Na fala desse jovem há uma espécie de cálculo racional de que a atividade criminosa compensa, contrapondo-a com sua experiência de precariedade de trabalho e evidenciando suas despesas, usando-as para alegar que essas não poderiam ser supridas caso estivesse no mercado formal, ganhando um salário mínimo, pois enquanto pai e chefe de família é o único a arcar com as despesas da casa. É nesse sentido que Diógenes (1998, p. 22) afirma que “se instauram uma outra ordem de valores em que o ócio, a exaltação do lazer e a desvalorização da ética do trabalho parecem por em xeque os pilares básicos da sociedade do trabalho”. Segundo essa autora, há a idéia básica de que o trabalho não compensa, o que não apenas afirma um valor da cultura de massa, mas também nega o pressuposto básico da sociedade do trabalho, na qual apenas este confere respeito e aceitabilidade aos indivíduos. Percebe-se, também, que para muitos jovens a cultura do trabalho, capaz de proporcionar uma identidade digna e positiva, torna-se uma referência cada vez mais distante.

A inserção do jovem de classe pobre no mercado de trabalho é precária, tanto no que se refere às condições de trabalho quanto aos níveis de remuneração. É uma situação que, de acordo com Frigotto (2006), é diversa da dos jovens de classe média ou dos filhos dos donos dos meios de produção, que estendem a infância e a juventude. A grande maioria desses jovens inicia sua inserção no mundo do trabalho após os 25 anos e em postos de trabalho ou

atividades de melhor remuneração. Já nos depoimentos desses jovens da periferia de Aparecida de Goiânia percebe-se claramente a insatisfação por conta dessa precariedade vivida por eles. Aqui um desses jovens ressalta muito bem esse processo precário:

Trabalhei 5 meses na fábrica de colchão, saí de lá porque eles não davam máscara de proteção e tava reformando lá todim, eu trabalhava do lado dos negócios de cola, dos produtos do colchão aí comecei intoxicar daqueles produtos. Só agüentei 5 meses, aquele trem tava arrebrandando eu por dentro tudim. (Bruno, 22 anos)

Essa fala evidencia a realidade da vida de muitos jovens brasileiros, mostrando que muitos deles, mesmo estando empregados, são induzidos a pedir demissão voluntária devido às más condições de trabalho que lhes são impostas. Fica claro que para os jovens pobres são oferecidas as piores oportunidades de trabalho, uma vez que possuem pouca ou nenhuma qualificação profissional e, uma vez inseridos no mercado de trabalho, encontram condições desfavoráveis de trabalho. No entanto, essas condições fazem com que eles demonstrem certa recusa ao trabalho. Bruno, por exemplo, após deixar esse trabalho, está há mais ou menos um ano sem emprego, segundo ele. Depois disso, só bicos: “ajudo o menino lá perto de casa que trabalha com mudança”, “também ajudo os meninos quando precisa capinar lote”.

A precariedade constitui um universo de referência, que desencadeia em certa ruptura com o trabalho e, assim, impede a formação de uma relação estável com o trabalho.

Outro aspecto que agrava essa precariedade de trabalho desses jovens é o aspecto relacionado à escolaridade, pois entre todos os entrevistados apenas um terminou o ensino médio e nenhum deu continuidade aos estudos. Todos estudaram sempre em escolas públicas que, segundo vários autores, têm se mostrado inadequadas ou, até mesmo, ausentes no sentido de preparar os jovens para ingressar no mercado de trabalho. De acordo com Blass (2006), o grau de escolaridade detém uma influência relativa na multiplicidade das práticas de trabalho e de emprego nas sociedades contemporâneas, não só porque a civilização fundada no emprego, labor e suor do corpo está em mutação, mas principalmente porque as práticas de trabalho concreto aparecem subsumidas nas práticas de trabalho associadas ao emprego.

Quando eu preciso de dinheiro, de uma coisa que eu quero, que eu gosto, por exemplo ir pro clube com o colégio que é 5 reais, eu capino lote, eu ajudo servente de pedreiro, eu tento ajudar todo mundo pra ganhar o meu, mas é só quando eu preciso também que eu faço isso, quando não preciso eu fico quieto entendeu. (Vilmar, 16 anos)

Nesse relato fica claro que, enquanto para muitas pessoas o trabalho temporário aparece como uma demonstração da falta de empenho do jovem, para eles parece ser

considerado uma forma de suprir algumas necessidades financeiras emergentes e, ao mesmo tempo, continuar a viver livremente sem nenhum compromisso profissional e assim poder dedicar mais tempo ao lazer. Vilmar (16 anos) explica:

Não estou trabalhando, eu tô pensando ainda porque trabalhar assim nunca foi meu forte, eu sou bom, todo mundo fala que eu sou bom, mas eu não gosto. Eu acho uma chatice! Pra mim eu acho que em vez de tá fazendo aquilo, eu poderia tá fazendo uma coisa muito mais legal que aquilo, como tá com meus amigos, estar numa chácara, num clube, tá com a namorada, levar a namorada no shopping, posso tá fazendo uma coisa muito melhor.

Os jovens apresentam certa dificuldade de adaptação ao modo de vida adulto, marcado pela rigidez de horários, pela disciplina do trabalho e, também, pela redução do convívio com os amigos. Quanto ao tempo cotidiano no trabalho, a motivação pelo salário é secundária com relação ao desejo de ter tempo para a própria vida, para o lazer e para os amigos. De acordo com Diógenes (1998), a cultura de massa pode ser considerada como uma gigantesca ética do lazer, que desabrocha em detrimento da ética do trabalho e ao lado de outras éticas vacilantes, toma corpo e se estrutura na cultura de massa.

No que se refere às análises sociológicas da juventude com relação ao trabalho, esse fato, assim como vários outros referentes à juventude, tem sido explicado como decorrência da mudança nos valores e nos modos de regulação social que afetam diretamente a maneira pela qual o jovem é socializado. Bajoit e Frassen (1997) chamam à atenção para o fato de a maioria dos jovens não viverem as condições de constituição de uma identidade coletiva a partir do trabalho, pois para a maior parte deles a individualização das trajetórias profissionais e a precariedade dos diferentes empregos ocupados fazem da experiência do trabalho uma experiência vivida individualmente, sem referência a um coletivo.

Uma rebeldia evidente da juventude urbana é ficar fora do mundo do trabalho no que se refere às relações sociais. Martins (1997), apoiada em Dauster (1992), afirma que o trabalho dos jovens não é visto apenas como imposição de uma necessidade decorrente das condições econômicas da família, mas sua valorização é resultado de fatores culturais. Assim, no cotidiano de vida das famílias pobres brasileiras, o trabalho é visto desde cedo como uma regra, como uma parte da socialização das novas gerações. A condição de trabalhador constitui, na visão dos pais pobres, uma condição de anteparo aos perigos vividos na rua, afastando os riscos da marginalidade, das más companhias, das drogas, ou seja, dos perigos oferecidos aos jovens, principalmente aos de periferia.

É nesse sentido que autores como Bajoit e Frassen (1997, p. 79) procuram deixar claro o fato de que “o trabalho continua sendo uma fonte importante de normatividade e uma

experiência central de socialização”. Nesse sentido, o que muda não é tanto a importância do trabalho, mas sim a relação que boa parte dos jovens tem com ele. Os autores (idem, p. 83) acrescentam, ainda, que “enquanto no modelo tradicional a realização pessoal estava subordinada ao trabalho, hoje é o trabalho que tende a estar subordinado à realização pessoal, permanecendo entretanto como um elemento e um *locus* essencial, embora não exclusivo”.

5.3 Polícia

A polícia aparece aqui como uma outra instituição que fracassou, tanto como socializadora quanto como uma instituição encarregada de fazer cumprir a lei. Segundo Zaluar (ano?), ela tem, inclusive, um efeito contrário ao desejado, pois reforça as práticas delinquentes pela “antipedagogia da corrupção” e pelo roubo com violência.

A violência policial atinge principalmente aos jovens de bairros periféricos, locais vistos pela maior parte da população como os lugares mais perigosos. Nas periferias os jovens são frequentemente abordados, revistados e, muitas vezes, são espancados pela polícia do bairro, encarregada da segurança dos moradores.

É nesse sentido que procurarei discutir a violência policial a partir do segmento social que considero ser o mais atingido pela mesma, os jovens de periferia e com baixo poder aquisitivo. Através das entrevistas que foram feitas com esses jovens percebi claramente a visão que eles possuem da polícia. Diante desse contexto de pobreza, o aparelho policial aparece como ambivalente, uma vez que expressa a dificuldade dos jovens em se posicionarem diante de uma força que é vista por eles como violenta, enquanto deveria ser tida como protetora.

A polícia à qual me referirei nesse trabalho encontra-se assim dividida: PM (Polícia Militar), Polícia Civil e Rotam. A PM usa farda de cor cinza, anda geralmente em dupla e trafega no setor em carros oficiais conhecidos como viaturas; a Polícia Civil é a responsável pela investigação, não usa farda e nem anda em viaturas identificadas como as demais; a Rotam usa uma farda preta, anda em bandos, se desloca em carros oficiais também pretos e anda munida de um armamento mais pesado que os PMs.

A violência policial contra os indivíduos tem se tornado uma constante nas sociedades modernas e contemporâneas, e em Aparecida de Goiânia não é diferente, uma vez que a identifiquei nas falas de todos os entrevistados.

Casos de abordagem agressiva e abuso de poder foram relatados em quase todas as entrevistas, sendo os exemplos os mais variados, tais como forjar flagrante de droga, prática muito comum adotada por nossos policiais, segundo os entrevistados:

Já fui abordado muitas vezes pela polícia, nem sei quantas vezes. Tem uns que chega conversa com você, fala “Olha aqui, nós estamos fazendo uma abordagem de rotina, pra poder proteger a população, esses trem, evitar assalto, morte”. Mas também têm outros que já chega descendo o cassetete, tá nem aí, já desce metendo a porrada. Nossa, eu detesto, já fui até nos tapa com policial por causa disso. Eu tava lá de boa, num monte de gente e eu fui o único que ele veio dá murro, aí eu fiquei revoltado. Às vezes a gente tá sem fazer nada e eles abordam a gente só pra fazer graça, só pra mostrar pro povo. Uma vez eu aqui na porta do colégio mesmo, eu já fui abordado aqui umas três vez. Uma vez eu tinha vindo fazer um trabalho e na hora que eu tava saindo eles me abordaram dizendo que eu tava pulando o muro, fazendo bagunça aí dentro. (Bruno, 22 anos)

Já fui abordado pela polícia várias vezes, em abordagem de rotina deles. Mas a polícia é um bando de corrupto, só querem propina. Uma vez eu tava na moto da minha madrinha sem capacete, aí eles falou que ia levar a moto, daí perguntou se eu tinha 40 reais, eu falei que não tinha. Aí nós levamos a moto na casa da minha madrinha lá, acabou que não levou a moto, porque tem um amigo dela que é sargento da Rotam, aí eles não levaram não. Aí falou que não era mais pra ficar deixando eu andar na moto não. (Maurício, 22 anos)

Quando perguntei a Júlio (23 anos) se já tinha sido abordado pela polícia, ele responde com muitas risadas e afirma:

É o que mais acontece, por eu já ser conhecido deles, na hora que eles me ver, acho que eles já pensam: “Olha o dinheiro fácil”. Esses dias a gente tava no aniversário de um amigo nosso lá no bar, a viatura parou, o policial me chamou e queria R\$ 50,00. Minha esposa até falou: “Eles tá cobrando muito barato, fica esperto não pra você ver”. Se eu falar que num vou dá, eles arruma um jeito de me pegar com a mão na massa. Senão eles entra aqui em casa e procura alguma coisa até encontrar, ou então te pega na rua.

Já fui muitas vezes abordado pela polícia, quando eu era mais novo eu num podia sair na rua que eu era abordado pela polícia, por causa das bagunça. Eu xingava, brigava na frente de todo mundo. Eles me batiam, mesmo sendo de menor, porque eles já conheciam eu. (Wilian, 21 anos)

Nas entrevistas, fica claro que a violência policial ultrapassa a representação, uma vez que ela é vivida por esses jovens da periferia e representa algo que já faz parte de suas experiências de vida. Boa parte dos policiais é descrita por esses jovens como arrogantes, pessoas que fazem questão de demonstrar sua força na forma como os desrespeita com frequência. Para esses jovens, os policiais não são capazes de diferenciar um criminoso de um não-criminoso, pois de acordo com os entrevistados, os policiais consideram delinquentes a todos os jovens moradores de periferias.

Bruno (22 anos), por exemplo, quando lhe foi solicitado que definisse “violência”, responde:

Polícia, porque a polícia tá mais violenta que os seres humanos, que as próprias pessoas civil. Porque quando eles estão com a farda, eles não quer nem saber se você tá errado ou certo, eles já descem descendo o cassetete mesmo, principalmente a Rotam, ainda mais agora que eles viram o “tropa de elite” (filme), eles tão querendo fazer igualzim. Eles param você e já vem chamando você de: chulezento, catarrento, é desse jeito.

É comum, na fala desses jovens, o fato de a polícia, de uma forma geral, estar frequentemente associada às práticas de violência e abusar do poder com espancamentos, abordando os jovens de forma depreciativa, como foi descrito por Bruno.

Outra característica da polícia, sob a ótica dos entrevistados, é uma associação a algo ruim, que não “presta”:

A polícia hoje em dia não presta, eles tão pegando muita gente inocente aí. Os policial da Rotam mesmo, tá matando muita gente inocente aí. Ou você acha que menino de 7 anos, 9 anos tem passagem pela polícia? Só porque tava junto com um rapaz, um pedreiro e o policial foi e matou, matou os dois³. (Wilian, 21 anos)

Esta visão negativa se dá principalmente pelas práticas abusivas de violência adotadas por alguns policiais, uma vez que em Goiás se tornou comum o desaparecimento de pessoas após serem vistos com policiais. Esse fato alarmante tem chamado a atenção do Ministério Público e da Comissão Internacional dos Direitos Humanos, que buscam investigar essa possível relação. Para os jovens é evidente a impunidade com que são tratados os policiais que praticam arbitrariedades ou matam no exercício de sua função, o que faz com que estes sejam tão ou mais temidos que os inimigos dos jovens de classes populares:

Acho que a polícia é mais violenta que nós tudo, eles num respeita, já chega é batendo, mesmo você num tando no meio da malandragem, já chega batendo em todo mundo. Vai que uma hora assim é filho de Rotam, de polícia, aí acaba se ferrando com eles mesmo, porque polícia protege os filhos da própria polícia. (Vilmar, 16 anos)

Nesse relato, além de mais uma vez expressar sua opinião sobre a violência policial, Vilmar também acrescenta algo novo que é percebido claramente por eles: o corporativismo entre as polícias, que serve de proteção para eles mesmos. Quando, por exemplo, o jovem é

³ O jovem entrevistado está se referindo ao caso de duplo homicídio que ocorreu na grande Goiânia no ano de 2007 e que envolveu policiais. Estes estão sendo investigados pelo crime.

filho ou tem algum grau de parentesco com policiais, há um tratamento diferenciado dos demais:

Hoje o que causa mais violência é a própria polícia, porque os policiais são corruptos demais, tudo pra eles, eles resolvem assim, não conversando, eles já chegam já é batendo, aí quando uma pessoa vê um policial agredindo outra o que ela vai pensar? Mais um marginal, por isso que gera mais violência. Sem a gente reagir eles já chegam batendo na cara. (Maurício, 22 anos)

Mais uma vez aparece a imagem da polícia diretamente ligada às práticas abusivas de violência entre os jovens da periferia de Aparecida de Goiânia. Pela constatação em todos os relatos, considero ser este um fato que, infelizmente, faz parte do dia-a-dia de grande número de jovens das periferias de todo Brasil.

Percebo, então, o quanto é comum a imagem da polícia estar freqüentemente relacionada à corrupção, à extorsão e à violência. A facilidade da extorsão advém do fato de os policiais serem soberanos na tomada de decisão no desfecho de um eventual flagrante. O caso de corrupção policial que se mostra mais evidente é a relação do jovem traficante de drogas com a polícia daquela comunidade, como se percebe abaixo:

Se eles souber que você tá vendendo droga e por acaso você quiser entrar num acordo com eles, eles vai analisar primeiro, se você vende bastante ou se você vende mais pouco, se você vende mais pouco, eles cobram mais pouco, mais se você vender muito eles cobra muito. Eles vão tirar uma base. (Júlio, 23 anos)

Para que esse jovem possa realizar o seu trabalho de traficante com tranqüilidade, sem ser aborrecido pela polícia ou para ser até mesmo protegido por ela, como é o caso de Júlio (23 anos), é necessário que se estabeleça um acordo de paz com os policiais do bairro:

Quando eu fui pego pela primeira vez, nem levar pro distrito eles me levou, tinha oito pessoas deitado no chão assim, eles passou o balde assim jogando água, colocou um atrás do outro e começaram a dar choque esperando eu chegar. Aí quando eu cheguei na casa que vi aquele tanto de policial lá, aí um já veio com uma 12 e mandou eu deitar no chão, eu falei assim: “Eu num vou deitar não”, porque eu tava de roupa branca, né? Aí eu falei que num ia deitar senão eu ia sujar, aí eles falaram: “Tira o capacete”. Aí na hora que eu tirei o capacete, eles falaram: “É você, Júlio”, eu respondi: “O que vocês tão fazendo aqui?”, “Não, é porque nós recebemos uma denúncia que tava tendo droga aqui. E agora como eu vou despachar os outros policial aí?”, porque tinha três viaturas, aí eu fui, tirei o dinheiro do bolso e mandei dá R\$ 100,00 pra cada um e manda eles vazar da porta. Quando eu entrei que vi que o pessoal tinha tudo apanhado, levado choque, eu fui lá e falei com eles, aí eles falaram “É porque o pessoal não queria entregar de quem era a droga”, eu falei: “Pois agora vocês já sabem de quem é”. Aí eles foram e tiraram as algemas, pediu desculpa e entrou no carro com o dinheiro deles e vazou.

Aos que possuem recursos para barganha, como é o caso desse jovem entrevistado, é conveniente pagar esse tipo de extorsão, pois segundo ele é melhor pagar, “dar uma grana”, entrar em um acordo e continuar realizando seu trabalho livremente do que acabar preso e ter que deixar a esposa e o filho desamparados, pois estes dependem totalmente do dinheiro do tráfico de drogas.

Percebo, aqui, a cumplicidade da polícia diante de uma situação vantajosa de práticas de corrupção. Quando Júlio (23 anos) relata uma confusão que teve com alguns inimigos seus que o ameaçam de morte, conta que recorreu aos policiais, que lhe dão várias dicas para resolver o problema:

Aí tá até hoje, vieram aqui uma vez só. Eu dei um tiro pra cima e saíram correndo, mas eu já falei pra eles que o primeiro que pular o portão, antes de colocar o pé no chão eu vou derrubar, já faz tempo que isso acontece, tem duas semanas. Já liguei lá nuns amigos meus lá da polícia, que eu pago pra eles, falei com eles, eles falou assim: que vai ficar passando aqui na porta e se pular eu posso atirar, porque é defesa própria, eu tô me defendendo. Eles falaram assim, mesmo que me chamar lá fora e não tiver ninguém na rua vendo e vier pra cima de mim, eu posso atirar e arrastar aqui pra dentro e falar que matei aqui dentro. Eles mesmo falou, “Atira lá fora e traz aqui pra dentro, depois fala que você tava se defendendo. Porque depois, por você não ter passagem...”, agora eu não tenho mais passagem porque eu paguei R\$ 5.000,00 pro delegado pra ele tirar todas as passagens que eu tinha. Agora eu posso puxar qualquer atestado de bons antecedentes que num sai nada. Igual eu tava te falando, o que manda é o dinheiro, se você tiver o dinheiro você é querido por todo mundo. Agora ele pegou e falou pra mim, se eu matar aqui dentro, eu vou alegar que foi defesa própria, por eu ter filho novo em casa, e a única coisa que eu vou fazer é ou prestar serviço comunitário, ou eu pago duas sextas básicas por mês durante algum tempo. Eles falaram “Pode fazer que se precisar a gente vem cá, pega e leva”, aí eu falei “Mas se levar uma hora eles sabem”, aí eles disseram “Não, num precisa levar pro distrito”, eu falei, “Aí vai complicar mais ainda”. Eles falaram “Não, a gente leva pra tomar um banho no meia-ponte”, eu falei “Não, o negócio é eu resolvendo mesmo”, e eles “Não, o que você paga pra nós já dá pelo serviço”. Eu pago eles por semana R\$ 400,00, R\$ 200, 00 pra cada um ,porque são dois. Teve um policial que cresceu o olho esses dias pra trás agora, aí o tenente deles que pega o arrego, aí eu passo o dinheiro pro tenente e ele vai e divide o dinheiro com eles, aí esse cabim queria ganhar mais do que o tenente e o tenente pegou e deu o jeito de tirar ele da rota aqui do setor, agora ele foi lá pro Tiradentes, ficou só dois agora. Ele falou que se tivesse alguém pra ganhar mais, era ele e não um cabo e mandou ele pra lá.

É interessante que em todas as falas de Júlio sobre a polícia estão presentes ações de policiais ligadas diretamente à corrupção, à extorsão e à omissão:

Na hora que eles me ver, eles já pensam: “Olha o Júlio, dinheiro fácil, vamo lá”. Aí eles já vem. Mas agora, os que eu já converso, não, já chega, cumprimenta, nós conversa um pouco. Agora os novatos não, eles quer ganhar dinheiro. Mas quando chega policial novato aqui no setor, os outros chega em mim e fala: “Olha, tal dia é dia de fulano trabalhar e ele tá doido pra subir de cargo, então você fica esperto, porque nós não vamo tá trabalhando aí num pode fazer nada”. Porque se ele falar: “Peguei um traficante com tanto”, aí já é motivo pra ele subir de cargo, ganhar uma medalha. (Idem, 23 anos)

Percebe-se que a participação da polícia no crime é bastante evidente, e esse não é um fato isolado que ocorre apenas no Estado de Goiás, mas sim acontece em todo o país, tendo suas evidências gerais difundidas em vários meios de comunicação e pela população. Nessas entrevistas, constatei que existe um bom número de policiais que, visando obter vantagens pessoais, extorquem os infratores, demonstram tolerância com o crime, mantêm a cumplicidade e até incentivam as infrações. A polícia é identificada por eles como bandida, corrupta e muito violenta. Por isso os jovens percebem a impunidade que quase sempre assegura as ações dos policiais ao infligirem a lei.

Enfim, considero que não seja possível desconhecer as alterações no padrão das relações sociais que ocorrem nas ruas e nos bairros de periferia das cidades, onde o crescimento da violência e do tráfico de drogas, somados à conivência e à corrupção do sistema policial, contribuem de forma significativa para uma crise social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos principais objetivos desse trabalho foi chamar a atenção para o protagonismo juvenil no que se refere às práticas de violência nas sociedades contemporâneas. Portanto, a partir do que foi exposto aqui, considero que a realidade desses grupos de jovens de Aparecida de Goiânia é apenas mais uma das inúmeras que concorrem no processo de socialização de jovens de todo o país. À medida que as instituições clássicas encarregadas desse processo se mostram frágeis, fatores como pobreza, discriminação, falta de oportunidade para a educação, emprego e lazer acentuam ainda mais esse problema. Portanto, falar de violência entre jovens, por jovens e contra os jovens em Aparecida de Goiânia requer, antes de tudo, um debate sobre as condições reais de desigualdade em que estão inseridos.

Uma vez que se percebe que os resultados desses processos de socialização nas sociedades contemporâneas tem resultado em uma relativa desinstitucionalização da vida cotidiana, fenômeno que tem repercutido nas relações familiares, da escola, do trabalho etc. também se observa uma grande transformação nas relações sociais, à medida que esses jovens impõem verdadeiros desafios contra os valores, as normas sociais e os modelos de vida, na forma com que são concebidos pelas gerações mais velhas.

Baseada em autores como Lahire (2002), acredito que a socialização dos jovens pode ser compreendida como processos por meio dos quais os sujeitos se apropriam do social, de seus valores, de suas normas e de seus papéis, a partir de determinada posição e da representação das próprias necessidades e interesses, sendo mediado continuamente pelas diversas fontes, agências e mensagens que lhes são disponibilizadas. Portanto, cada um desses jovens que se encontra em determinado grupo social não se reduz apenas a esse vínculo.

Na atual sociedade globalizada, as tradicionais agências de socialização, como é o caso da família, da escola e, também, do trabalho e da polícia, se mostram frágeis, não mais se constituindo como referência de valores e normas para essa atual juventude. Nenhuma dessas agências, no atual contexto de uma sociedade em mutação, oferece certezas e seguranças como ocorria no passado.

Portanto, esses jovens vão construindo espaços em que o grupo de amigos, o estilo do qual passam a fazer parte, vão cada vez mais se constituindo como parâmetros de avaliação e organização das relações internas e externas da realidade. Dessa forma, o jovem interpreta a sua posição social, dá sentido ao conjunto de experiências que vivencia, faz escolhas e age na sua realidade. Assim, a forma como o jovem se representa como sujeito é

fruto desses múltiplos processos. Nesse sentido, concordo com Melucci (1997) quando este fala que a biografia dos jovens nos dias de hoje tornou-se menos previsível, uma vez que os projetos de vida passaram mais do que nunca a depender da escolha autônoma do indivíduo.

Uma coisa é certa, não sei como será o final desse processo, nem mesmo quais são todas as suas tendências, pois esbocei apenas algumas. Mais uma vez, reforço o fato de que vários autores enfatizam a incerteza como uma característica constitutiva e dominante nas sociedades contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R.; ABREU, D. e BARREIRA, C. Andando na periferia de Fortaleza: exclusão, juventude e violência. In: FRAGA, P. C. P. e IULIANELLI, J. A. S. (Orgs.). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: ed. DP & A, 2003. p. 170-187.
- APPADURAI, A. Disjunção e diferença na economia global. In: FEATHERSTONE, M. (Org.). *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 11-27.
- BAJOIT, G. & FRANSSEN, A. O trabalho, busca de sentido. *Revista Brasileira de Educação*. n. 5/6, 1997.
- BERGER, P. e BERGER, B. Socialização: como ser membro da sociedade. In: FORACCHI, M. M. e MARTINS, J. de S. *Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à sociologia*. 21 ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1999. p. 200-224.
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BLASS, L. M. S. Juventude e trabalho. In: COSTA, M. R. da e SILVA, E. M. da (Orgs.). *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: ed. PUC SP, 2006. p. 55-77.
- CARMO, P. S. do. Juventude no singular e no plural. *Cadernos Adenauer: As caras da Juventude*, Fundação Konrad Adenauer, São Paulo, ano II, n. 6, p. 9-29, 2001.
- CARVALHO FRANCO, M. S. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: ed. Kairós, 1983.
- COSTA, M. R. Culturas juvenis, globalização e localidades. In: COSTA, M. R. da e SILVA, E. M. da (Orgs.). *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: ed. PUC SP, 2006. p. 11-27.
- DELLASOPPA, E. E. Funk'n Rio: lazer, galeras, violência e a socialização da onda jovem. In: FRAGA, P. C. P. e IULIANELLI, J. A. S. (Orgs.). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: ed. DP & A, 2003. p. 148-169.
- DIÓGENES, G. *Cartografias da cultura e da violência*. Gangues, galeras e o movimento hip hop. Fortaleza: Ed. AnnaBlume, 1998.
- DURKHEIM, E. *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- FRAGA, P. C. P. e IULIANELLI, J. A. S. Introdução: Juventude, para além dos mitos. In: _____. (Orgs.). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: ed. DP & A, 2003. p. 9-16.
- FRIGOTTO, G. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, R. e VANNUCHI, P. (Orgs.). *Juventude e sociedade*:

trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: ed. Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 180-216.

GONÇALVES, H. S. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. *Tempo Social*, São Paulo, n. 17, v. 2, p. 207-220, novembro de 2005.

GUIMARÃES, E. Juventude(s) e periferia(s) urbanas. *Revista Brasileira de Educação*. n. 5/6, p. 199-208, 1997.

HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1990.

IULIANELLI, J. A. T. Juventude construindo processos – O protagonismo juvenil. In: FRAGA, P. C. P. e IULIANELLI, J. A. S. (Orgs.). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: ed. DP & A, 2003. p. 54-75.

LAHIRE, B. *Homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, H. H. T. S. O jovem no mercado de trabalho. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5/6, p. 96-109, 1997.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5/6, p. 5-14, 1997.

MORIN, E. *Cultura de massa no século XX: Neurose*. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

PETROVA, Y. As subculturas *skinheads* na França. In: COSTA, M. R. da e SILVA, E. M. da (Orgs.). *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: ed. PUC SP, 2006. p. 197-254.

RIBEIRO, A. C. T. e LOURENÇO, A. Marcas do tempo: violência e objetivação da juventude. In: FRAGA, P. C. P. & IULIANELLI, J. A. S. (Orgs.). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: ed. DP & A, 2003. p. 38-53.

SARTI, C. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, R. e VANNUCHI, P. (Orgs.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: ed. Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 115-129.

SASSINE, J. V. Aumenta apreensão de cocaína e maconha: Apreensões das drogas nas BRs que cortam o estado já são quase 51% maiores este ano do que em todo 2007. Volume já atinge 441 quilos de tóxicos. *O Popular*, Goiânia, 08 de julho de 2008. p. 5.

SETTON, M. da G. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. *Tempo Social*, São Paulo, n. 17, v. 2, p. 335-350, novembro de 2005.

SILVA, E. Trajetórias Violentas e origem social dos jovens: o caso da Turma do Barão. In: COSTA, M. R. da e SILVA, E. M. da (Orgs.). *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: ed. PUC SP, 2006. p. 149-168.

SILVA, L. M.; NOZAKI, W. V. e PUZONE, V. F. O trabalho visto de baixo. *Tempo Social*, São Paulo, n. 17, v. 2, p. 351-379, novembro de 2005.

SOUTO, J. Os outros lados do funk carioca. In: VIANNA, H. (Org). *Galeras cariocas*. Territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SPAGNOL, A. *Jovens delinqüentes paulistanos*. *Tempo Social*, São Paulo, n. 17, v. 2, p. 275-299, novembro de 2005.

SPOSITO, M. *A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade*. *Tempo Social*, São Paulo, n. 5, v. 1-2, p. 161-178, 1993 (editado em nov. 1994).

VELHO, G. Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: _____ e ALVINO, M. (Orgs.). *Cidadania e violência*. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 2000.

VIANNA, H. Introdução. In: _____. (Org.). *Galeras cariocas*. Territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

WIEVIORK, M. O novo paradigma da violência. *Tempo Social*, São Paulo, n. 9, v. 1, p. 5-41, maio de 1997.

ZALUAR, A. A globalização do crime e os limites da explicação local. In: VELHO, G. e ALVINO, M. (Orgs.). *Cidadania e violência*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

_____. A ilusão dos jovens e o crime organizado. *Comunicação & política*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 231-250, dez 1997/mar 1995.

_____. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, H. (Org). *Galeras cariocas*. Territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

_____. Teleguiados e chefes: Juventude e crime. In: _____. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Revan, 1994. p. 100-116.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1-Família:

- a)- Idade?
- b)- Com quem mora?
- c)- Qual a ocupação de seus pais ?
- d)- Qual a escolaridade de seus pais?
- e)- Eles são casados ou separados?
- f)- Como é a relação deles? (harmoniosa ou conflituosa)
- g)- Qual a influência deles em sua vida?
- h)- Qual o tipo de relação que você tem com sua família?
- i)- Que tipo de orientação moral você recebeu da sua família? Exemplifique. O que você acha sobre isso?
- j)- Houve algum momento em sua vida em que os ensinamentos recebidos de sua família foram contestados por você? Quando? Por quê?
- l)- Sua família se preocupa com você? Por que você acha isso?

2ª)- Grupos de referência:

- a)- Você participa de algum grupo social?(igreja, torcidas, escola, outros)
- b)- Você atribui alguma influencia desse grupo em sua vida?
- c)- O que mais você gosta neles? Onde vocês se encontram?
- d)- O que vocês gostam de fazer? Por quê?
- e)- quem teve maior influencia na definição de sua personalidade? (família, igreja, escola, amigos ou outros)
- f)- Você trabalha? De onde vem o dinheiro para o seu sustento?
- g)- Você vê a escola como sendo uma instituição importante? Qual a função dela para à sociedade? E para o jovem de forma geral? Por que vai à escola?
- h)- Seus amigos se preocupam com você? Por quê você acha isso?

3º)- Pessoais

- a)- O que você gosta de fazer quando sai pra se divertir?
- b)- Você sai sempre com as mesmas pessoas? Por quê?
- c)- O que um jovem deve fazer na sua opinião para ser respeitado pelos outros?
- d)- O que significa ser um otário?
- e)- Quais os programas de televisão que você mais gosta e assiste?
- f)- Quem são as pessoas que você mais admira? Por quê?
- g)- Como você reage quando se sente ofendido?
- h)- Você concorda que existem momentos na vida da gente que seja necessário o uso da violência? Em que situações, por exemplo?
- i)- Você acha que os jovens hoje são violentos? Por quê?
- j)- E você já foi vítima de algum ato de violência? Como isso aconteceu? E como você reagiu?
- l)- O que você define como Violência?
- m)- Já praticou algum ato de violência? Em que circunstância?
- n)- O que te deixa nervoso com mais frequência?
- o)- Qual o seu maior medo?

- p)- Qual seu maior sonho?
- q)- O que seria necessário para diminuir a violência em nosso país?
- r)- O que seria necessário para evitar um jovem entrar no mundo da delinquência?
- s)- O que é uma pessoa folgada para você?
- t)- Qual o seu estilo?
- e)- Você se preocupa em andar na moda? O que faz pra isso?

4ª)- Polícia

- a)- Você já foi abordado pela polícia? Como isso aconteceu?
- b)- O que você acha da polícia de sua cidade?
- c)- O que você acha do bairro em que mora?